Iberogénese

A Hibéria proto-histórica e a Iberogénese

Osku seria o nome pelo qual seria conhecido o primeiro país da Europa, fundado pela primeira raça euro
peia que emergiu do Cro-Magnon e do Neanderthal. Estes primeiros homens usaram o endónimo de usk
eros, uskos, auskos ou euskaros, quando o clima e as condições faziam de Osku um país de gelo, com u
ma população escassa e concentrada, situado entre as margens de dois glaciares ibéricos. O grande val
e entre as cordilheiras ibéricas e pirenaicas (então cobertas por mantos de gelo permanentes), atravessa
do pelo grande rio ibérico, foi o local onde a população uskera estabeleceu os seus primeiros assentame
ntos permanentes e, tal como aconteceria mais tarde com o Eufrates ou o Nilo, as primeiras cidades da h
umanidade desenvolver-se-iam em torno das margens, na nascente e também na foz.

Embora este tenha sido o início do que é entendido na história como o nascimento de uma nação, no ent
anto, como explicado no Génesis, quando os homens construíram um imenso totem ou megálito, chama
do torre de Babel, quase nessa altura, a nação começou a formar novas nações à medida que o clima e
as condições o permitiam. Assim, da terra do gelo, à medida que a sua população crescia e se expandia,
surgiram os povos da Europa Ocidental, de ambos os lados dos Pirinéus. A unidade original, preservada
durante séculos pelas duras condições climatéricas, deu lugar a uma miríade de países. O geógrafo Estr
abão referiu que, só na Península Ibérica, existiam nada menos que duzentas nações. As duas grandes
mães que unificaram os Uskos depois de Osku foram Atlântida e Tartesos. O desaparecimento final dest
a última precipitou a formação de outras novas nações, o que explica o elevado número de países indica
do por Estrabão para o conjunto da Ibéria.

No entanto, todo este conglomerado que emergiu do gelo de Osku, consciente da sua origem comum, for
mou uma história pacífica e imperturbável ao longo dos séculos, preservando aquilo a que chamamos m
emória racial, até à chegada de povos estrangeiros. No entanto, devido ao seu carácter enérgico e tempe
ramental, estes povos eram sociedades essencialmente guerreiras. Enquanto as mulheres, que também
eram guerreiras e amazonas, se ocupavam da administração familiar, da agricultura, etc., os homens ded
icavam-se quase inteiramente à ordem militar da vida, para proteger o clã até à morte.

As duras condições de Osku e os glaciares frios moldaram a natureza ativa e enérgica, enquanto a parci
mónia, a apatia e a inatividade típicas dos trópicos significaram para os antepassados dos Uskos a morte
do gelo.

Osku não desapareceu nem se desmembrou, mas desenvolveu-se e expandiu-se, continuando no caráct
er dos enérgicos e tenazes Uskos, e na sua memória, que continuaram a evocá-lo em inscrições sagrada
s, em moedas, bronzes e cidades, muitas delas recordando com o seu nome a origem deste país.

Osku deve ter existido num clima frio, rodeado de glaciares, que após a sua fusão e graças à subida gera
l do nível do mar e ao aumento abrupto do caudal dos rios durante o Holoceno Ótimo, proporcionaram as
condições para o desenvolvimento da ilha de Atlântida, com as águas a entrarem e a permitirem o desen
volvimento profundo dos conhecidos canais que rodeavam a cidade. Osku é, portanto, anterior à civilizaç
ão da Atlântida e os seus vestígios encontram-se atualmente dispersos nos campos de urnas. Os limites
originais de Osku coincidiriam com a extensão do signo ibérico do nordeste, o mais antigo e puro da pení
nsula, ou seja, o triângulo formado entre os Pirinéus e o Ebro. Esta escrita seria o testemunho do que viri
a a ser a cultura celtibera, que se basearia na primeira escrita autóctone do Paleolítico ibérico. A Aquitâni
a teria também constituído uma parte muito original do Osku, ou poderá ter sido uma extensão primitiva d
o mesmo, preservando antes e durante a administração romana uma cultura uska de grande autenticidad
e e pureza.

Embora seja um facto que existia um grupo linguístico aparentado e não uma língua única, podemos afir
mar que, devido à uniformidade que levou ao desenvolvimento das línguas românicas hispânicas, se pod
e dizer que estas línguas estavam intimamente relacionadas, ao ponto de se poder falar de uma língua ib
érica, sem que este conceito discrimine as línguas proto-célticas, mas, pelo contrário, fazendo-as encaixa

r nele. Esta realidade poderia ser semelhante à relação e semelhança que as línguas castelhana, catalã
ou valenciana, ou o galego e o português, têm atualmente. Algo semelhante teria acontecido na época pr
é-romana, em termos de uma relação íntima entre a família linguística ibérica e os dialectos tartessianos
e proto-célticos.

A uniformidade do castelhano e do resto das línguas românicas hispânicas torna realmente convincente
o facto da extensão de uma língua materna dispersa por toda a península, à qual se juntaram particularis
mos, e da qual o Levante e o sudoeste seriam o seu último desenvolvimento, dentro da Península Ibérica
. Do mesmo modo, a língua ibérica ou aquitânica seria a primeira falada pelos povos que deram origem à
Gália, à Ligúria, bem como aos etruscos, aos quais se unem por uma multiplicidade de elementos linguís
ticos, lexicais, etc., dando origem a um diassistema falado desde a Andaluzia até à Gália Narbonesa e à I
tália. Todas elas podem ser chamadas línguas uska ou usko-mediterrânicas. Ao mesmo tempo, os signifi
cantes e os alfabetos desenvolveram-se e difundiram-se naturalmente no Mediterrâneo e na Europa. O al
fabeto ibérico, que é o mesmo que o alfabeto proto-céltico, teve provavelmente origem no leste da Penín
sula Ibérica, sendo legado aos etruscos e aos gregos antigos (já bastante modificado), que como sabem
os eram de origem uska ou ibérica, e que após um processo histórico e evolutivo daria origem ao alfabet
o grego ou greco-latino. Este signo ibérico chegou aos fenícios, já que na sua origem, pelo menos no que
diz respeito ao germe inicial, eram da raça ibérica, a cuja língua e alfabeto chegaram sucessivos elemen
tos semitas que destruíram a pureza e a fonética originais das línguas faladas por estes povos do Norte d
e África.A romanização alterou o núcleo de origem das línguas usko-mediterrânicas, ou seja, as faladas n
a Península Ibérica durante milénios, mas tanto o castelhano como o resto das línguas hispânicas conser
vam muitos elementos que não são nem latinos, nem árabes, nem germânicos, mas pré-romanos ou ibér
icos. É o caso de sons como -rr-, -ch- ou -ñ-, que também são comuns em dialectos e línguas do ambient
e proto-céltico e ibero-atlântico, como a língua aquitana ou o bretão; assim, uma infinidade de palavras d
e origem ibérica são -perro-, -barro-, -charco-, -cachorro-, etc., e sufixos de origem ibérica como -arro- "c
acharro" "cacharro" "amarro", -iego- (aiko), -iego- (aiko). solariego- "solariego" "estival", ou -sko- "chinesc
o", "gigantesco". Da mesma forma, podemos ver como o alfabeto castelhano, como o do resto das língua
s hispânicas, e juntamente com os alfabetos basco-aquitano e ibérico, coincidem nos cinco fonemas corr
espondentes às vogais (aeiou), algo em que se diferencia do resto das línguas românicas. O alemão mo
derno e as línguas germânicas têm elementos das línguas uskas do gótico ou do cita, que não estão, por
tanto, relacionados com o latim ou as línguas românicas; por exemplo, existem sufixos como -burg- "burg
o, cidade" (equivalente ao usko -brig-), ou -schen-, que é o equivalente espanhol -sko-, e que também é
utilizado em alemão para adjetivar palavras (por exemplo -spanischen- "spansch").

Os Uskos falavam Usko ou Oskurite, uma língua proto-pelásgica, mais antiga do que o basco, o etrusco,
o egípcio antigo, etc. Osku não era apenas o nome da primeira nação dos Uskos, mas de toda a terra (o
ecúmeno ou a totalidade conhecida), ou seja, o sol, relacionado com a palavra sol (em Oskurite -egusku-,
da qual deriva -eguzkia- em basco).

As línguas ibéricas estendiam-se desde a Aquitânia até ao sul da Península Ibérica. Dentro desta família
estavam, portanto, as línguas bascas (descendentes directas do antigo aquitano), o pirenaico, o aquitano
, as línguas faladas nas regiões catalã e valenciana, e as línguas contestanas, bastetanas, etc. Todas est
as línguas ibéricas são suficientemente próximas e semelhantes para serem consideradas como uma úni
ca e mesma família ou diassistema.

O centro das línguas ibéricas situa-se nos Pirinéus, onde se encontram as inscrições mais antigas e pura
s desta língua. O aquitano, como o resto das línguas ibéricas do sul e do sul da Península Ibérica, e o tar
téssico, seriam, portanto, uma expansão da língua pirenaica ou língua de Osku, no mesmo contexto racia
l. Alguns autores vêem mesmo uma outra via de extensão menos provável na língua berbere (pouco arab
izada e nada romanizada), onde parecem encontrar-se elementos linguísticos que reflectiriam um passad
o remoto relacionado com as línguas ibéricas, e que, portanto, poderiam ser consequência de uma outra
extensão norte-africana destas línguas.

Finalmente, existe a possibilidade mais remota de que outras línguas não romanizadas e pré-arábicas, c
omo as canárias, tenham sido uma extensão mediterrânico-atlântica dos povos ibéricos ou da sua influên

cia. A análise da língua etrusca também a inclui no ramo ibérico e, portanto, como outra família mediterrâ
nica da língua ibérica pirenaica, e uma das bases e veículos através dos quais as línguas usko-mediterrâ
nicas se expandiriam e desenvolveriam. Esta primeira expansão da influência ibérica em torno do Medite
rrâneo deu-se entre a pré-história e a Antiguidade, num contexto em que os fluxos migratórios eram mais
acentuados e exerciam uma pressão mais profunda e transcendente, uma vez que não havia uma força,
como no Império Romano, que os organizasse, dirigisse e reorganizasse. Este contexto seria favorável e
fundamental no desenvolvimento das civilizações usko-mediterrânicas.

A língua ibérica, ou aquitana, se preferirmos, deve ter sido falada pelas antigas tribos uskas, das quais d
escendem os povos ibéricos, desde a Aquitânia até ao sudeste da Península Ibérica. Esta língua deve ter
-se extinguido na sua forma original, pelo menos numa grande parte dos povos peninsulares, ainda antes
da chegada dos fenícios, dos gregos ou dos romanos, dando origem a um diassistema ou família linguíst
ica ibérica aparentada, que agrupava o basco e as línguas contestana e bastarda dos povos levantinos e
a dos antigos povos catalães. Há aldeias antigas cujos nomes são bascos, como Iliberri, situada no sul d
e Espanha e comparável ao basco Hiri Berri (cidade nova). De igual modo, existe identidade em numeros
os termos, partículas, fonemas, morfologia e até na numeração destas línguas ibéricas e do euskera ou b
asco. Nalguns casos, existe também uma maior identidade e relação entre o ibérico e o proto-basco e o
aquitano do que entre estas últimas línguas e o basco moderno.

Existem muitos termos como iturri (fonte) ou berri (novo) que aparecem tanto na língua ibérica como na lí
ngua basca, e em numerosos topónimos da península. Também outros como o ibérico Beles comparável
ao aquitano Belex e ao basco Beltz (preto); Iltun (escuro na língua ibérica) comparável ao aquitano Ilunn
e ao basco Ilun; (idade) em ibérico Atin e em basco Adin; preço ou valor que em ibérico é "Salir" e em ba
sco "Sali"; o verbo fazer ou ação, em ibérico é "Ekiar/ekian" e em basco "egin, egian"; outras palavras de
ambas as línguas são Bizkar (costas), Argi (luz), Lagun (companheiro), Nabar (castanho), Baso que em b
asco significa bosque, comparável ao aquitano "Baeserte" e ao ibérico "Baiser". Além disso, tal como o b
asco moderno, o ibérico e o aquitano, bem como o sumério, o hurriano e o hurriano eram línguas aglutina
ntes, ou seja, aquelas que formam as suas palavras a partir de partículas (monemas) que não variam qu
ando se juntam, e que variam de significado quando mudam de posição. Existe também uma relação entr
e o basco, o aquitano e o ibérico na construção do gentílico em -Tar-, por exemplo, Arse-tar (de Sagunto)
, Euskotar ou Euskal Herri-tar-rak (de Euskadi ou Bascos).

A língua ibérica, que no seu conjunto e originalmente agrupava a língua aquitana e, por conseguinte, tam
bém a língua basca, utilizava o mesmo alfabeto e sinal, que seria também utilizado pelas línguas proto-c
élticas da península. Por outras palavras, apesar da existência de diversidade linguística, existia, segund
o estudos genéticos, uma unidade racial muito superior à cultural. Toda a diversidade linguística surgiu, e
m grande parte, de forma espontânea, sem grandes influências até à chegada de Roma, coexistindo, tal
como atualmente, uma grande riqueza de línguas e culturas que se desenvolveram naturalmente ao long
o dos séculos. O conjunto de relações culturais existentes entre as culturas ibéricas ditas célticas ou prot
o-célticas e as culturas ibéricas ou aquitanas propriamente ditas mostram também que estas formavam o
riginalmente uma unidade em torno de um conjunto de tribos que se difundiram e desenvolveram cultural
mente de forma espontânea.

Por outras palavras, em termos gerais, podemos afirmar que as relações e conexões entre as línguas ibé
ricas e celtas (conhecidas como celtibéricas), incluindo as línguas tartéssicas, não são simplesmente con
tribuições de uma para a outra, mas marcam a mesma origem cultural e linguística, e não são apenas a c
onsequência de uma relação mútua, mas o sinal de identidade de uma única raça formada a partir de um
a única nação constituída pelas primeiras tribos que formaram Osku. No grupo ibero-aquitano, cujas rela
ções são, em certos aspectos, mais fortes do que as que existem entre o basco moderno e a língua aquit
ana, podemos ver uma circunscrição original em torno dos Pirinéus, da Aquitânia e do golfo da Biscaia, a
té à Catalunha (onde se encontram os mais antigos e importantes sinais e inscrições ibéricas, livres de in
fluência greco-fenícia), estão também na origem não só do resto das línguas ibéricas, mas também das lí
nguas celtas, onde se encontram as estruturas mais puras e originais da língua uska.

Graças aos estudos genéticos, podemos afirmar que estas coincidências não são apenas contribuições i

nterculturais resultantes da coexistência num espaço comum, mas sim de uma relação racial, etnológica e cultural que foi fortemente preservada até, pelo menos, à chegada dos romanos. Havia, portanto, uma unidade não só cultural mas também racial numa grande parte do arco mediterrânico e dos Pirinéus.

Estavam reunidas as condições necessárias para o aparecimento e o desenvolvimento das diferentes particularidades culturais. Uma das mais importantes foi o amplo espaço temporal e espacial, proporcionado no contexto ibérico, uma vez que os povos que aí se desenvolveram tiveram tempo e espaço para desenvolver autonomamente culturas e línguas que assentavam numa língua mais básica ou materna e original formada a partir das primeiras tribos osku.

Com o passar do tempo, e aquando da formação dos povos ibéricos, estes continuaram, na sua maioria, a considerar-se como parte de Osku, o seu remoto e lendário reino, a que os romanos viriam a chamar Hispânia. O cita Golam, o exterminador, conhecido como Míl, descendente de Breogan (o rei dos Brigantes, um povo proto-céltico da Ibéria), de cujo povo descendem os irlandeses, escoceses e ingleses, seria chamado rei de Osku (Ibéria). A importância deste protoreino mítico é igual à sua singularidade para a formação do universo, pois a partir dele, através da inflação demográfica, formaram-se os restantes povos, tribos e reinos da Europa Ocidental, criando o plasma humano e o universo que lançou as bases das grandes civilizações. Partindo do contexto acima referido, outra das causas desta primeira extensão foi a necessária estabilidade cultural e racial que teve de ser vivida na pré-história ibérica, inalterada durante milénios naqueles que viriam a ser os territórios originais de Osku (triângulo Pirinéus-Aquitânia-Bacia do Ebro).

Surgiram as circunstâncias necessárias para o aparecimento e desenvolvimento das diferentes particularidades culturais. Uma das mais importantes foi o amplo espaço temporal e espacial, dado no contexto ibérico, uma vez que os povos que aí se desenvolveram tiveram tempo e espaço para desenvolver autonomamente culturas e línguas que assentavam numa língua mais básica ou materna e original formada a partir das primeiras tribos de Osku, bem como uma paz e fraternidade permanentes e relativas entre eles.

O povo eberita tem sido tradicionalmente identificado com o africano, considerado como um fluxo demográfico intercontinental. A descrição que Tácito faz do fenótipo de alguns dos povos conquistados por Roma na Ibéria (pele escura, cabelo encaracolado, baixa estatura), atribui uma origem presumivelmente mediterrânica aos antigos ibéricos. A história mais recente adoptou a crença de que a Ibéria era composta por um povo fundido entre os celtas megalíticos (de origem centro-europeia que atravessaram os Pirinéus na Idade do Bronze) e os ibéricos pseudo-autóctones, de origem africana.

Exemplos mais recentes são a descrição feita pelo historiador Fraga Iribarne ao definir os povos que habitam a península como um caldeirão (este e muitos outros autores, infundados no mesmo doloroso e indelével complexo de inferioridade mestiça da Espanha que as suas antigas colónias sempre tiveram). Miguel de Unamuno, criticando a barbárie racista do início do século XX, definiu os países ibéricos como uma fusão de raças em busca do sol espanhol. Esta fusão ou mistura estava tradicionalmente ligada aos celtas e aos ibéricos (celtiberos), com outros mais tipicamente mediterrânicos, como os fenícios ou os gregos. A cultura popular também mostrava uma parte caraterística ou marcante do que então se começava a ver com a nova visita a Espanha de um povo desconhecido até ao século XVII, os ciganos. Este povo marcante e original projectará na nossa cultura certas manifestações verbenas do folclore e dos "cantaores", numa época em que o mundo inteiro identificava o cigano de pente e o cigano andaluz de patilhas como a exótica raça espanhola da Carmen de Merimeé.

A tudo isto se junta uma pitoresca subcultura popular estrangeira enraizada em tempos recentes, desconhecida antes da Reconquista, em diferentes lugares, como o Manolismo castizo de origem semita, ou o folclore andaluz de origem mista árabe-romana. Longe estaria a Ibéria pura, intacta, mágica e matriarcal como sede do conselho dos deuses e morada dos heróis da raça atlante, a Hespéria ou Scheria, a terra de Hades e do Zéfiro, e os campos elísios descritos por Homero. Em muitas cidades, mas sobretudo em Madrid, os filhos dos judeus e dos mouros convertidos, "los manolos o tiznados", que viviam no bairro judeu e na aljama de Lavapiés, ostentavam o seu modo de vida exótico e popular, consolidando uma cultura tradicional de influência semita e de herança sefardita, Com o tempo, a ópera foi substituída pela vistosa

zarzuela, a dança das montanhas relacionada com outras danças regionais como a basca, a navarra e a
aragonesa, pelas danças livres e indecentes das filhas e filhos dos marranos e judeocastizos, onde o ex
ótico e o excitante se fundem. O que aconteceu algum tempo depois, há dois séculos, foi a identificação l
iterária, cultural e étnica do referido casticismo judaico com a nação espanhola e, por conseguinte, tambė
m com a espanholidade. Até o próprio nome Espanha foi interpretado como uma palavra derivada da líng
ua semítica, fechando assim uma ligação ancestral e popular com essa cultura. O espanhol era basicam
ente castizo, pelo que a sua natureza e a sua cultura eram exótico-mestiças.

Hoje em dia, a ciência demonstra que não houve uma profusão de misturas raciais em Espanha e que, lo
nge disso, a maioria dos portugueses e espanhóis descende de um antepassado comum e faz parte do p
atrimónio genético mais antigo da Europa. Todas as tipologias raciais da Europa Ocidental sempre se ma
nifestaram em Espanha, mas não porque esta tenha a mistura, mas porque é a origem dessas tipologias.
Da mesma forma, a genética pode hoje corroborar que os ibéricos eram mais etnicamente celtas do que
os próprios celtas, ou que os próprios celtas descendiam dos primeiros.

Os resultados genéticos de algumas regiões espanholas não correspondem à história de Espanha ou da
Península Ibérica, parecendo antes corresponder à realidade dos povos mais remotos e isolados da Euro
pa, como os Lapões ou os Esquimós (raças que permaneceram durante milénios sem encontrar a presen
ça de quaisquer invasores). A história convulsiva da Península Ibérica e as invasões de tantos povos torn
am esta realidade genética tão inexplicável nalguns casos que pode parecer um enigma quase atribuível
à própria graça de Deus.

Os numerosos vestígios antropológicos encontrados, e a descoberta, nos anos 90, do Homo antecessor
e dos seus descendentes europeus, mostram que na Península Ibérica houve uma indiscutível continuida
de evolutiva e sanguínea, que manteve uma pureza genética irrepreensível durante milhares de anos, int
errompida apenas pela inevitável visita de colonos residuais do Mediterrâneo. Esta pureza impecável é m
antida hoje em dia por muitos portugueses e espanhóis modernos de forma tão intensa e extensa que qu
ase poderíamos dizer que a Espanha, em grande medida, continua a ser a pátria Uska; algo que torna qu
ase implausível que uma invasão árabe com oitocentos anos possa ter realmente ocorrido, uma vez que
quase não deixou vestígios na população portuguesa/espanhola actual.

A língua proto-céltica[14] dos celtiberos, mais antiga do que o goidélico e o birónico, é a língua de onde d
erivam todas as outras línguas celtas, tal como as línguas românicas do latim. Isto leva a interpretar a ori
gem indiscutível da pátria celta (os Keltiké), situando-a na Ibéria, a partir dos seus centros de expansão n
a cordilheira cantábrico-pirenaica e no golfo da Biscaia, de onde partiram os primeiros Uskos para a Euro
pa, atravessando a floresta de Irati e os desfiladeiros naturais dos Pirinéus. Foi este povo proto-céltico qu
e deu origem à arquitetura moderna (época megalítica), ao ferro e ao aço modernos (Idade do Bronze) e
às artes plásticas (pinturas rupestres). Foi também o mesmo foco que daria origem à agricultura e à pecu
ária, necessárias para preservar um grande grupo humano após o congelamento da Europa no refúgio ib
érico, e para iniciar um grande repovoamento do continente após o congelamento. Os ibéricos que criara
m a Dama de Elche, a Dama de Cabezo Lucero, o guerreiro de Porcuna ou o rosto de Argantonio não er
am celtas da Europa Central, que habitavam maioritariamente a península, nem africanos. A poucos ocor
reu que a palavra ibérico tem pouco a ver com África e muito a ver com a Grã-Bretanha e as Ilhas Britâni
cas (Hébridas).

Muitos autores clássicos não conheciam a realidade da Península Ibérica e dos seus povos. Não conhec
endo a Península Ibérica ou não tendo lá estado, os seus relatos inventaram o que não sabiam. O que os
historiadores romanos fizeram bem foi sublinhar a irredutibilidade dos habitantes da Península Ibérica. F
oi assim que Estrabão descreveu os montanheses, os iberos ou celto-ibéricos das regiões mais isoladas
do norte da península, onde a raça uska vivia num estado de pureza absoluta: "Todos os montanheses s
ão sóbrios; não bebem senão água, dormem no chão, usam cabelos compridos à maneira feminina, emb
ora para combater cingem a testa com uma faixa. Comem principalmente carne de cabra; a Ares sacrific
am cabras, cativos e cavalos; costumam fazer hecatombes de todo o tipo de vítimas, à maneira grega, e
à maneira de Píndaro imolam cem delas. Praticam ginástica e luta política e equestre, exercitando-se par
a o pugilismo, as corridas, as escaramuças e as batalhas campais. Durante três quartos do ano, alimenta

m-se apenas de bolotas, que, secas e esmagadas, são moídas para fazer pão, que se conserva durante
muito tempo. Bebem sitos e o vinho, que é escasso, é consumido imediatamente nos grandes banquetes
familiares. Em vez de óleo, utilizam manteiga. Comem sentados em bancos construídos à volta das pare
des, alinhando-se neles segundo a idade e a dignidade; a comida circula de mão em mão; enquanto beb
em, os homens dançam ao som de flautas e trombetas, saltando alto e caindo em genuflexão... No interi
or, em vez de moeda, praticam a troca de moedas ou dão pequenos pratos de prata recortados. Os crimi
nosos são atirados ao chão, os parricidas são apedrejados e levados para fora das fronteiras da pátria ou
da cidade. Os doentes, como se fazia antigamente entre os assírios, são expostos nas estradas para ser
em curados por aqueles que sofreram da mesma doença. Antes da chegada de Brutus não tinham mais
do que barcos de couro para navegar pelos estuários e lagoas do país... É assim que vivem estes povos
montanheses, que, como disse, são os que habitam o lado norte da Ibéria; isto é: os galegos, asturianos
e cantábricos, até aos Vascones e aos Pirinéus, todos com o mesmo modo de vida. Poderia fazer uma lis
ta mais longa de povos, mas renuncio a uma descrição enfadonha, porque ninguém gostaria de ouvir fala
r dos pleataurs, bardietas, alotrigos e outros nomes menos bonitos e mais ignorados". A história pré-rom
ana da Península Ibérica marca uma diferença cultural e linguística entre dois elementos, o ibérico e o ce
lta, mas com uma realidade racial indistinta.

O repovoamento uskariano da Ibéria

Durante uma parte importante da história antiga, a Ibéria-Osku foi repovoada por povos uskan que migrar
am para a Eurásia em tempos remotos a partir da própria Ibéria no período glaciar. No último milénio a.C.
, chegaram à Península povos celtas provenientes da Vestefália (celtas), da Bélgica e da França, que se
instalaram em torno do Ebro, e no centro e sudoeste da Península (Extremadura e Portugal), juntando-se
às populações autóctones proto-célticas. Isto não significaria uma celtificação da Península Ibérica, num
sentido novo, (no fundo estas populações não trouxeram nada de novo que não tivessem já trazido consi
go quando saíram da Península) mas sim um repovoamento e uma consolidação cultural, pois estas pop
ulações da Bélgica e da Alemanha já provinham e eram descendentes dos Uskos Proto-Célticos Ibéricos.
A pressão de outros povos e as convulsões que sofreram com o desenvolvimento do Império Romano le
varam a este afluxo transpirenaico.

Um século antes de Cristo, os povos germânico-célticos, os teutões, os cimbrianos e os ambrões, desce
ndentes dos primeiros povoadores uskos da Escandinávia e da Germânia setentrional, criadores da cultu
ra Jastorf (Idade do Ferro), migraram para sul, para o território de outro povo celta, os nórdicos da Áustria
. O primeiro passo foi dado pelos cimbrianos, um povo aparentado com os cimérios, citas ou uskcitianos
do norte do Cáucaso (chamado clado ancestral), um ramo totalmente extinto dos uskos. A mudança de cl
ima e o endurecimento das condições de vida na Escandinávia levaram os cimérios a juntarem-se aos se
us vizinhos do sul na Jutlândia, os teutões. Os dois povos, ligados pelas suas origens gálicas (usko), tinh
am uma população de cerca de meio milhão de habitantes. O seu grande número permitiu que a guerra d
os Cimbrianos contra Roma se desenvolvesse favoravelmente numa primeira fase. Graças a isso, conse
guiram chegar à Gália (através do território romano). A sua passagem produziu a segunda maior crise do
Império desde as Guerras Púnicas (com um número de baixas semelhante e, nalguns pontos, até superi
or), incomparável até às invasões bárbaras do século V d. C. Finalmente, depois de atravessarem a Gáli
a, os Cimbrianos e os Teutões penetraram na Ibéria, chegando até à Galiza.

Após novas incursões no norte da península e no sul da Gália, foram finalmente derrotados pelos roman
os. Devido ao seu grande número inicial, estes povos conseguiram incentivar um repovoamento, especial
mente na Ibéria, uma vez que a Gália, de onde foram deslocados, já estava sobrepovoada. No entanto, o
seu rasto perdeu-se completamente quando foram finalmente derrotados e exterminados ou dissolvidos
por Roma. Depois disso, só se seguiram as populações vindas do norte do Mar Negro, durante o ciclo de
invasões bárbaras do século V d.C. Os visigodos, suevos e alanos, que, juntamente com os saxões (sak
as) e borgonheses, partilhavam uma relação com a cultura e os povos citas, pertencentes ao ramo orient
al dos uskos, ou seja, os uskcitas, chegaram a França, Inglaterra e Península Ibérica, favorecendo, neste
último caso, o aumento demográfico de uma região muito despovoada em relação à Gália.

Dos resultados dos estudos de genética populacional, conclui-se que o processo de romanização não en

volveu uma introdução exógena de populações mediterrânicas na Península Ibérica. Na altura em que Roma invadiu e destruiu Cartago, e se deu a anexação completa da Hispânia, não existia o elemento latino tal como o entendemos hoje. Ou seja, não existia em Itália uma raça de latinos que pudesse ser entendida como uma mistura entre elementos autóctones e outros elementos afro-asiáticos, em maior ou menor grau. A base da raça de que se alimentaram os exércitos, o governo e o povo romanos, antes do advento do Império, era essencialmente de natureza ibero-liguriana ou celta e ibero-astrusca, ou seja, povos uskos de origem atlântica. Toda a sua mitologia, religião e cultura se baseava na exaltação do mito atlante, do helenismo e dos deuses e deusas autóctones, progenitores e protectores (Di indigetes). É possível observar como, no final da República, os autores romanos tentam reavivar a religião e os rituais ancestrais que haviam existido na base do povo romano, fruto de uma mudança que se tornaria cada vez mais intensa, sobretudo a partir do século I, e mais acelerada com o Império. Com a conquista da Bretanha, Roma começava já a sofrer as suas próprias transformações e, mergulhada na romanização do mundo, não se apercebeu de que ela própria estava a caminhar, lenta mas inexoravelmente, para a influência afro-asiática cada vez mais intensa (levando também ao nascimento da nova raça latina ou mediterrânica). A romanização da Hispânia, portanto, não implicou um repovoamento de povos estrangeiros, mas de elementos uskanianos ainda bastante intactos, situados na vanguarda da civilização romana.

Sendo um facto que Roma colonizou a Hispânia de forma mais ou menos intensa, estas colónias representavam populações indistintas das que habitavam a Península Ibérica há milhares de anos. Roma desempenhou um papel organizativo e político na sua conquista, mas não alterou o elemento racial, que se manteve bastante intacto até à Idade Média. Enquanto na Hispânia, na Gália e na Britânia, os romanos se juntaram à população indígena sem alterar significativamente o seu sangue, no Mediterrâneo misturaram-se. A questão passou despercebida a Roma que, ao conceder a cidadania, não diferenciava os ocidentais dos orientais ou dos africanos, promovendo um cosmopolitismo de que era simultaneamente vítima e carrasco. A cabeça da grande raça ocidental foi encarnada pela Roma clássica, onde o génio foi mais intenso, vendo nascer as maiores obras e proezas culturais e tecnológicas do seu tempo. Ao mesmo tempo, sofreu um enfraquecimento racial constante que teve um efeito profundo na mentalidade do Império tardio. Era o Estado mais forte que se conhecia, muito mais forte do que os EUA ou a ordem internacional. No entanto, o seu poder não podia ser mantido sobre uma civilização moribunda e em decomposição.

O processo de romanização não afectaria a Hispânia para além da sua cultura e organização.

A partir desta introdução, tentaremos compreender o conceito de Iberogenesia (Ibéria, origem da raça humana) e a génese mitológica desde Noé (Ziusudra), último sobrevivente da linhagem atlante (avô de Éber, atlante fundador da linhagem ibero-milenar ou hebraica), até à diáspora da Casa de Israel, reduzida à Casa de José.

É verdade que havia um fluxo entre a Europa e a África, mas esse fluxo era de norte para sul, da península para a costa mediterrânica do Noroeste de África, e daí para a Ásia e para o resto do continente europeu. Foram os Ibéricos que povoaram o norte da África Ocidental, onde os Árabes ainda não tinham chegado, e fundaram o Macro-Ducado de Tansaman[15]. Deles descendem os "povos ibéricos" berberes, os ibéricos africanos, que pouco têm a ver com os actuais descendentes da cultura berbere, com os quais a única coisa que têm em comum é o nome. Da Ibéria descendem também os bretões e os bretões, ou seja, os actuais ingleses, (também descendentes dos ibéricos proto-célticos, brigantes e milésios), fundadores do povo usko-atlântico.

A mitologia irlandesa e escocesa recorda esta unidade original com a Ibéria e coincide com o estudo populacional efectuado pela Universidade de Oxford durante cinco anos, dirigido pelo maior geneticista do mundo, o Professor Bryan Sykes. Neste estudo, a origem ibérica dos habitantes das Ilhas Britânicas é clara, e referimo-nos à sua obra "The Blood of the Isles".

A primeira mulher das Ilhas Britânicas (a primaeva de Inglaterra) foi descoberta em 1998 em Londres, num sarcófago, e os testes de ADN provaram sem margem para dúvidas a sua origem ibérica e cantábrica.

Estrabão, seguindo autores mais antigos, fala indistintamente dos povos ibéricos, celtas e ibero-célticos o

u celto-citas: "Com efeito, afirmo, a partir da opinião dos antigos gregos, que assim como os povos que h
abitavam o norte eram conhecidos pelo nome de citas ou nómadas, como os descreve Homero, assim os
povos que se tornaram conhecidos no Ocidente foram mais tarde chamados celtas, ibéricos, ou com um
nome misto, celtiberos e celto-citas". "

A Cítia, juntamente com a Ibéria caucasiana, faziam parte das regiões povoadas pelos Uskos ou Ibéricos
na Antiguidade. Esta corrente que atravessava o Mediterrâneo provinha, sem dúvida, da Ibéria. O livro d
as invasões da Irlanda relaciona também os irlandeses, para além dos ibéricos, com os chamados irmão
s primitivos da Grécia, ou seja, os antigos gregos e citas.

O historiador Josep Pijoán escreveu sobre uma destas viagens: "Parece que a grande expansão da popu
lação megalítica espanhola teve lugar ao longo desta rota marítima atlântica, uma expansão que não se li
mita a meras relações comerciais, mas que os importantes núcleos megalíticos da Grã-Bretanha, do sul
de Inglaterra e da Irlanda são considerados como o produto de uma emigração peninsular".

Segundo um outro autor, GM Trevelyan, "alguns dos ilhéus adquiriram grande habilidade na metalurgia e
, de facto, alguns dos melhores trabalhos de esmalte em bronze que o mundo possui foram forjados por
estes ibéricos, nossos antepassados. Muitos dos centros desta antiga civilização - talvez Stonhenge - sit
uavam-se em terras áridas, mas outrora famosas pelas suas magníficas rochas ou pelo ouro, estanho ou
cobre a céu aberto, entretanto esgotados".

Um artigo da Universidade de Oxford sobre a colonização espanhola e a origem espanhola da língua gaé
lica irlandesa diz: "Os escoceses foram colonos posteriores, pelo menos em parte asturianos, e suposta
mente ligados ao Brigantium e à Gallaecia. O facto de serem Goidelic (Celtas Irlandeses) em Espanha, p
reservadores do K-.-m, foi sugerido por uma passagem em Dioscorides que diz que os Hispânicos cham
am a uma certa planta Kiotoukapeta. Diefenbach diz que se trata de um empréstimo de centumcapita (Plí
nio, XXII, 8 e 9), mas porque é que os espanhóis trocariam kentoun por kiotou? E como kiotou é celta, é
goidélico, uma vez que o irlandês antigo tem cét, o irlandês moderno e o gaélico das Terras Altas (na Esc
ócia) ceud, e o manx (dialeto celta) keead - enquanto as línguas cimérias conservam a nasal".

As raízes comuns dos povos gauleses e a origem da nação francesa encontram-se na Península Ibérica.
A prova disso está em vários dos primeiros povoadores do território gaulês, como os esturianos (descen
dentes dos asturianos ou esturianos) ou os catuvellaunos (povoadores juntamente com os eburones dos
Países Baixos), descendentes dos primeiros gauleses de origem ibérica, os catalaunos. Os Catuvellauno
s chegaram ao País de Gales (Inglaterra), onde formaram um dos reinos celtas pré-romanos, desenvolve
ndo, tal como na Ibéria, numerosos estados celtas, como parte da grande raça original brigantina. Com a
ameaça dos invasores romanos, estes reinos uniram-se sob a direção dos Catuvellaunans. Tal como ele
s, os outros reinos celtas, mesmo os anteriores ao reino catuvellauniano, como os silurianos, brigantes, d
ecanglos, ordovanos, etc., instalados na região do País de Gales (a Gália), eram de origem ibérica. Este f
acto é atestado por Tácito na sua biografia de Gnaeus Julius Agricola, que considerava que estes povos
gauleses, pela sua tez e aparência, deviam ser de origem ibérica. Estudos genéticos modernos corrobora
m esta ideia dois mil anos mais tarde, identificando este ADN peninsular com o dos habitantes do País d
e Gales e de grande parte do resto das Ilhas Britânicas.

As lendas, a mitologia e as epopeias inglesas são de origem celta. Uma delas é o ciclo arturiano, a histór
ia do famoso rei Artur, rei dos silurianos, que Tácito descreveu como descendente de ibéricos, atribuindo
assim a esta importante figura real o estatuto de senhor da guerra ou bandido ibérico, nesta ocasião defe
ndendo o seu reino contra os invasores saxões bárbaras. O seu nome deriva de urso, ou seja, Artza em
basco ou Arth na maioria das línguas celtas ou proto-célticas faladas na Península Ibérica, nas Ilhas Britâ
nicas e na Gália, significando Artur, o homem urso.

A história pré-romana da Península Ibérica e das Ilhas Britânicas é precisa do ponto de vista racial e cult
ural. Em ambos os casos, os povos celtas ou uskos, num estado de máxima pureza étnica e cultural, pud
eram desenvolver e expandir a sua influência etnológica durante milénios, formando numerosos reinos o
u estados no mesmo território, numa convivência relativamente pacífica, antes da chegada dos povos inv

asores.

Os originais Eberitas ou Uskos são também os antepassados dos Etruscos, que se desenvolveram no norte de Itália, na Etruscia ou Etruria, nome que se refere claramente ao rio de onde provinham, o Ebro. Pelo mesmo etnónimo eram conhecidos os Canta-ebros, Celti-ebros ou Celtiberos, os Bretões, descendentes dos brigantes ibéricos (antepassados dos bretões), os Berones, situados a norte (na nascente do rio), e os Iberes de África ou Berberes.

O som eber, iber ou aher, refere-se aos habitantes da margem do rio ou do grande rio. Os gregos apreciaram o facto de os celtas do grande rio se chamarem ibéricos para se distinguirem dos gauleses, ou celtas da montanha. Assim, os Celtas ou pré-Celtas da Ibéria eram conhecidos como Celtiberos ou Ceiltaber, os Gauleses ou Celtas da montanha como Celtorii e finalmente os da planície como Celtiach (Aquitanos). É por isso que os Pirinéus devem o seu nome à língua gaulesa. Do gaulês Bir-Biren, formou-se Piren, e do plural Birennou ou Pirennou, que em bretão significa cume ou pico, nasceu o nome destas montanhas sagradas, que há quinze mil anos separavam a Ibéria do glaciar europeu, e são atualmente o único glaciar que existe a oeste da Europa continental.

A modificação dos sons eber, iber ou aher, ou seja, rio, deu nome a centenas de cidades e rios da Europa Ocidental, como Ibarra ou Ibarrola (Baixos Pirinéus). O vocábulo ibérico -eburo-, que significa teixo, deu também o nome a várias cidades e aldeias europeias, entre as quais Ebura (atual cidade de Montoro, na província de Córdova), cujo nome figura na Geografia de Estrabão, Eboriacum, perto de Paris, Eburodunum, nos Países Baixos, Eburodunum, nos Alpes, etc. O nome Eburo ou Evuro tornou-se Eure ou Euro. Do mesmo modo, Iberiacum ou Eboriacum passou a Ivry ou Evry. Vários rios e afluentes em França são conhecidos por este nome Eure ou Euri, do qual deriva a palavra Europa. A Ibéria, terra dos celtas do rio, é, portanto, não só a origem racial mas também etimológica da Europa. O nome da nossa península e do povo dos nossos antepassados, os ibéricos, foi formado pela conjunção de dois elementos sagrados como o rio e o teixo.

Os etruscos, de civilização avançada em relação ao resto da Itália, foram os antepassados directos dos patrícios romanos, membros da oligarquia e da albocracia que seriam destruídos pelo sangue afro-asiático. Do costume etrusco dos três nomes derivou também a patricia, que, ao contrário dos plebeus, usava esta fórmula para se chamar uns aos outros, herdada dos seus antepassados de linhagem eberita. A palavra etrusca ou cognato pode ser definida a partir do basco, onde seria formada pela palavra etor ou etorr (descendente) e usko (nativo puro), ou seja, aqueles que descendem dos puros. O seu deus barbudo era uma divindade paterna, o AITA, que era o equivalente etrusco de Plutão, cujo nome é exatamente o mesmo que PAI na língua basca.

O povo etrusco é descendente ou originário da cultura Villanovana, também originária dos primeiros povos ibéricos que povoaram o norte de Itália. Uskia, conhecida como T-uskia, depois Toscana, seria o nome dado à terra habitada pelos Uskos ou Etruscos. Também de origem ibérica e usko foram os fundadores da atual região da Lombardia, os Insubrianos ou Insubbers, que fundaram Mediolanum, ou seja, Milão. E mais antigos ainda foram os Ausónios ou Auskones do segundo milénio a.C., que cobriram quase toda a Itália, estabelecendo-se na Campânia, no sul do mar Tirreno e na Sicília. Estes uskos ou auskones deram o primeiro nome (Ausonia) à península dos Apeninos, e foram também uma das várias vagas de povos usko-mediterrânicos que chegaram à Grécia. Na Grécia, os Pelasgianos ibéricos deram o seu nome ao rio grego Hebrus ou iberus[14].

[14] O proto-céltico é uma língua que surgiu da Hibéria, do povo proto-ibérico ou proto-céltico, que foi o germe das restantes línguas celtas. Atualmente, as fontes existentes desta língua limitam-se quase exclusivamente aos Bronzes de Botorrita.

[15]Macrodukado ou simplesmente Tansaman, mais tarde conhecido como Nekor e depois RIF, foi o Estado pré-árabe e pré-muçulmano construído nos territórios setentrionais do atual Marrocos (a leste do arco de Gibraltar) pelos ibéricos berberes. Estes colonos, de ascendência ibérica e proto-céltica, podem ter deixado em Marrocos um rasto que representa atualmente um pouco menos de dez por cento da frequên

cia R1b que atravessa algumas aldeias do Norte de África. Os berberes têm sido tradicionalmente consid
erados um grupo étnico distinto dos outros povos do Norte de África, com características próximas dos e
uropeus (têm fenótipos como o cabelo louro e os olhos claros, bem como uma elevada frequência de tez
branca, que não se encontram noutras populações do Sul e Centro de Marrocos).

Outro facto importante é fornecido pela mitologia imperial romana, que, tal como a mitologia grega, era d
e origem e base ibérica. Os adoradores do deus ibérico Marte eram celtas e romanos, cujo verdadeiro no
me era Teutates ou Teleno, originalmente deus dos Astures; povo celtibero, conhecido como Marte ou M
arti Tileno, também chamado Tutatis pelos gauleses. Era um deus para todos os povos celtiberos conhec
idos, alguns dos quais o honravam com a morte de um bastardo, e mesmo com a morte de cativos e cav
alos. Os romanos consideravam-no uma das divindades mais importantes da sua civilização. Marte, ou M
arti Tilenus, era um deus usko herdado pelos romanos da mitologia etrusca, cuja base era, como já disse
mos, totalmente ibérica, e estabelece inquestionavelmente a origem ibérica da maior divindade romana e
provavelmente a mais importante da antiguidade pré-cristã no Ocidente. A importância do deus da guerr
a em sociedades como a celtibera e a romana, essencialmente guerreiras, é compreensível.

Anteriormente, na mitologia uska, existia uma outra divindade, Aita, que em basco significa pai, e que era
o deus antropomórfico e protetor dos etruscos. A origem do deus Aita seria, como o seu nome indica, o
pai dos etruscos, um ser masculino e barbudo.

Na mitologia basca podemos encontrar vestígios da memória de divindades adoradas em tempos muito r
emotos na Península Ibérica por vários dos povos uskaros. Em alguns casos, estes vestígios mitológicos
que as lendas bascas conservam, legados pela cultura das raças ibero-aquitanas, estão intimamente liga
dos a outros povos distantes, originariamente uskaros, como foi o caso dos fundadores do Antigo Egipto.
Neste caso, a mitologia egípcia atribuía a divindade, tal como os antigos gregos, a um povo fundador da
sua cultura e civilização, conhecido como povo atlante. O fundador mítico da civilização do Nilo foi o deus
Osíris (em grego), chamado Ursi pelos próprios egípcios, um atlante que veio da terra mais ocidental e p
ertencia a essa raça mítica que fundou a civilização. Na cultura basca encontramos a mesma divindade c
hamada Ursi ou Urtzi, só que neste caso a sua origem é totalmente autóctone, sendo um dos pilares ess
enciais na criação das primeiras tribos que deram origem à raça aquitana ou ibérica. Osíris, chamado Urs
i pelos egípcios e bascos, formava na mitologia uska destas culturas uma divindade protetora e regenera
dora, causa da fertilidade, da abundância, da chuva, da água e da agricultura. Os egípcios preservaram e
sta divindade agrícola conservando a memória longínqua dos deuses dos seus antepassados, que se tor
naram os fundadores da sua civilização, e mantendo, tal como eles, uma sociedade em que a agricultura
tinha uma importância considerável.

As pirâmides e necrópoles egípcias estão situadas na margem ocidental do Nilo, orientadas a partir dess
e ponto. Nada foi deixado ao acaso pelos antigos egípcios, toda a sua cultura arquitetónica está carregad
a de simbolismo e de significado, calculada e medida até ao mais pequeno elemento. Não é, portanto, po
r acaso que os principais templos e monumentos arquitectónicos egípcios se situam a partir de uma posi
ção ocidental, no ponto de partida dos seus antepassados atlantes e desse lado do Nilo, nunca do lado o
riental. O Nilo foi durante algum tempo, na história do Antigo Egipto, a fronteira entre um reino de atlantes
, a oeste do rio, e um reino de raças afro-asiáticas, a leste.

Outro patriarca elevado à categoria de divindade é Aitor, um dos filhos de Tubal e irmão de Pirene, o pai f
undador do povo basco; portanto, a divindade mais antiga da cultura mais remota da Europa. Da mesma
região vem Azúcar, o deus da mitologia basca, conhecido pelos antigos gregos como Segrap ou Cekrap (
Cecrope) (para eles o fundador e primeiro rei de Atenas). O filho deste deus Uska, metade homem, meta
de serpente, e de uma princesa escocesa é Jaun Zuria (o senhor branco), o primeiro senhor da Biscaia.

A influência uska penetrou fortemente com a chegada da cultura neolítica e da Idade do Bronze ao centr
o e ao norte da Europa. De tal modo que o deus Aitor, cognato do nome Thor, é a mesma divindade da le
nda germânica do trovão, inspiradora da literatura do escudo. Esta divindade cumpria funções de proteçã
o, ajuda nas colheitas e domínio das tempestades, guerra, defesa, etc. Na mitologia egípcia existia outro
deus importante, Anúbis, com cabeça de cão, protetor ou senhor dos ocidentais e da Ibéria, o país de Vé

nus. O sincretismo ibérico deste deus foi Tubal, o patriarca de todos os povos eberitas. O símbolo do can
ino foi incorporado na cultura ibérica, sendo formado ou constituído por canas (regiões), dando assim o n
ome de Cantabria ou Cantabriga (palavra composta por can, e briga, que significa povo ou país).

De todos os povos descritos, são os berberes, juntamente com os egípcios actuais, os que retêm menos,
quase um resíduo minúsculo, do sangue eberita original e da frequência R1b. Este resíduo é atualmente
de cinco a dez por cento. No entanto, na altura do Macroduzido de Tamesmant, a população Uska da RI
F estava isolada e protegida de influências estrangeiras por detrás das montanhas do Arco de Gibraltar.
Se não fosse a influência mediterrânica e fenícia posterior, os habitantes ancestrais desta região do Nort
e de África poderiam facilmente ter atingido oitenta por cento da frequência de R1b (associada à raça Us
ka). Esta percentagem seria ainda mais elevada do que a média atual em Espanha ou Inglaterra, semelh
ante à do povo basco. Há que ter em conta que, antes da influência árabe e africana (relacionada com o
haplogrupo E) e subtraindo-a ao genótipo do Noroeste de África, ficaríamos com um grupo étnico compa
cto definido pelo haplogrupo R1b. Assim, antes do Império Romano, teríamos Eberitas (ibéricos de raça),
tanto a leste (Egipto) como a oeste (Tamesmant); o Mediterrâneo, no seu período de maior esplendor, er
a inteiramente dominado por Albocracias Uskaritas. Atualmente, não existe nenhum povo essencialment
e uskariano que pertença à religião muçulmana.

Os irlandeses, bretões, galeses, escoceses e bascos, juntamente com os resíduos catalães e levantinos,
têm provavelmente a maior frequência do haplogrupo R1b de todos os povos do mundo atual.

Os primeiros ingleses, escoceses, irlandeses, irlandeses, dinamarqueses, escandinavos, franceses, alem
ães e italianos eram ibéricos. Antes deles, não havia nada nos desertos de permafrost antes da glaciaçã
o de Würm.

Um importante povo ibérico foram os Astures, Estures ou Stures, cujo nome provém da raiz ibérica stur,
que significa largo, e é transmitido para o sânscrito como sthura e para o germânico como stiura. Os celt
as gauleses, conhecidos como Sturianos, descendem dos Astures ou Sturianos. Chegaram a Itália e der
am o seu nome ao rio Stura. Muito antes sabemos que o primeiro povo que daria origem ao resto dos qu
e seriam chamados a povoar a Europa, foram os Cro-Magnons ibéricos, que deram origem à linhagem R
1b e H (com uma fusão Neandertal) a que pertence a maioria dos [16]Eberitas (hebreus), que fundaram
Osku, e deram início à história da civilização.

Entendemos a civilização como algo duradouro e contínuo; a moderna surge da antiga, a atual da passa
da, (transmitida de um povo para outro e em diferentes épocas). O substrato antigo anterior manifesta-se
na atual civilização ocidental porque existe necessariamente um laço de sangue que a mantém viva.

Qualquer vestígio ou sinal que se qualifique como civilização é necessariamente ocidental. No entanto, p
odemos pensar que existiram outras civilizações que são a priori tomadas como tal, distantes do Ocident
e e dos seus povos fundadores. É o caso, por exemplo, das antigas civilizações asiáticas.

O precursor das civilizações orientais foi a antiga Mesopotâmia. Esta cultura tem sido tradicionalmente co
nsiderada o exemplo e o expoente incontestável da civilização asiática; de facto, o berço e a semente da
civilização universal. Como veremos mais adiante, a marca genética, linguística e cultural do povo usko-
mediterrânico está mais do que presente nas civilizações mesopotâmicas e nas suas ramificações indian
as e chinesas.

Outro exemplo controverso e lendário é a Atlântida, que, se fosse real (e afirmamos que, na exposição m
atizada e mitologizada aqui descrita, é), não poderia ter existido para além do mundo ocidental e da linha
gem R1b acima referida. Seria simplesmente impossível, a não ser que fosse de origem extraterrestre.

A civilização mesoamericana (Maias, Incas, Aztecas), está bastante distante do Ocidente, tendo desenvo
lvido em ciclos diferentes, técnicas avançadas, arquitetura, agricultura, pecuária, astronomia, geometria,
engenharia, medicina e outros sinais distintivos claros de civilização. Poderíamos estar perante uma exce
ção única e rara que surgiu fora de qualquer relação remota com a civilização ocidental. No entanto, exist

em numerosos elementos que demonstram a existência de ligações desde um início remoto. O povo Usko está intimamente ligado à civilização egípcia, à civilização suméria e aos seus vestígios relegados para a Casa de Israel[17]. A história lendária dos povos mesoamericanos conta-nos como um povo surgiu e construiu um povo que, a dada altura, atingiu a civilização do nada indígena.

[16]Eberitas. También llamados cántabros, (canta-ebros), uskos o waskones, son las poblaciones europeas que tras la glaciación del Würm, se refugiaron en torno a la rivera del río Ebro (región conocida como la Keltiké o patria celta), origen protocelta de los llamados celto-ebros o celto-iberos. De este pueblo desciendenden los irlandeses y la raza milesiana, también los ingleses (galeses), escoceses, bretones y galos. Estos son los pueblos perdidos de las diez tribus de la casa de Israel, de las cuales la Biblia habla que fue de su remanente, del que nació el linaje de Jesucristo.
El pueblo hebreo es el antepasado de la mayor parte de los pueblos europeos, lo que anteriormente se conocía como raza blanca o aria.

[17]Casa de Israel, fue el nombre bíblico dado al reino de Jerusalén, perteneciente a las diez tribus antes de la segunda diáspora. En el contexto del presente tratado y como vemos aquí, entendemos como tal, al nombre bíblico de la etnia occidental perteneciente al Hr1b. Genéticamente los protoceltas hiberos son los antepasados de los israelitas, a diferencia de los semitas o camitas (llamados bíblicamente fariseos), conocidos como judíos y pertenecientes por ello a la Casa de Judá. Es en el reino de Jerusalén donde los protoceltas iberos son conocidos bíblicamente con el nombre de israelitas o hebreos (eberitas o hiberos), siendo ésta la raza de Dios.

Até há bem pouco tempo, era impossível encontrar ligações remotas entre as origens da civilização egípcia e da civilização ocidental. Era, portanto, necessário contentarmo-nos com as relações posteriores que acompanhavam as grandes civilizações mediterrânicas nos sucessivos encontros do seu desenvolvimento mais recente. Hoje, porém, graças aos estudos genéticos, sabemos que uma grande parte da oligarquia egípcia estava diretamente relacionada geneticamente com a Europa Ocidental. Esta realeza, da qual faziam parte os faraós mais importantes da história, nada tinha a ver com os núbios ou com os egípcios atuais. Os antepassados de Tutancamun [18], Ramsés II, etc. eram Uskos ibéricos, cuja linhagem era R1b, hoje praticamente ausente na população natural do Egipto. O Professor Ceccaldi e a sua equipa de investigação demonstraram que estes grandes faraós eram leucodermas, ou seja, de pele clara e naturalmente ruivos. O fenótipo do Faraó Ramsés II é assim descrito como um titã usko, com dois metros de altura, cabelo ruivo, pele clara e nariz proeminente.

Se observarmos as efígies e as estátuas dos faraós, podemos cair no erro de os identificar com povos asiáticos ou africanos. As efígies de Ramsés II não têm nada a ver com os traços deixados pela sua múmia, cujo rosto era alongado e anguloso, com um grande nariz curvo, lábios muito finos e cabelos avermelhados. Estes traços são típicos da raça basca ou irlandesa (o paradigma do povo usko puro) e encontram-se frequentemente na Europa atlântica, mas os bustos e efígies do imperador mostram um rosto e um nariz largos e arredondados, lábios proeminentes, uma aparência feminina, o fenótipo caraterístico dos escravos e do povo núbio. Esta é a prova de um costume não só no Egipto, mas também noutros povos mediterrânicos, onde a população afro-asiática era predominante. O costume dos artistas era idealizar o imperador ou deus encarnado, estilizando a sua aparência ao gosto ou cânone de beleza habitual, que viria a ser uma mistura estilizada das três raças (negra, asiática e branca), dentro do contexto racial que se vivia no Antigo Egipto. Assim, por exemplo, se olharmos para o rosto da múmia de Seti I, pai de Ramsés II, da XIX dinastia ou Ramessid, vemos apenas traços puramente ocidentais, e nem um traço de traços afro-asiáticos.

A raça dinástica egípcia, essa raça de escoceses ruivos, altos e de pele clara, foi a que governou o Egipto durante milénios. Durante algum tempo, era costume chamar as princesas egípcias pelo nome de escocesas (Scota) se elas se casassem com um cita. Os citas eram de raça milésica, ou seja, uska ou usktite, e portanto da mesma linhagem que os antepassados da raça dinástica egípcia. Assim, a mulher de Míl, princesa egípcia filha do faraó Nectonebus, que mais tarde foi rainha de Espanha e da Irlanda, chamava-se Escota, e também Escota era chamada filha do faraó Cindris.

Como noutros lugares onde a civilização floresceu, no Antigo Egipto, há cidades e deuses ligados ao leg
ado usko da Península Ibérica. É o caso do deus egípcio Sucar ou Sokar, que, tal como o deus basco Su
gar, era um deus que se podia transformar num réptil. Não parece estranho que as divindades tenham si
do conservadas com o nome original que os primeiros colonos uskan do Egipto recordavam da sua pátria
distante. É mais tarde conhecida como Ptah Sukar, tendo o Nilo sido batizado por Homero com o seu no
me - Ha Ka Ptah - (casa de Ptah), sendo toda a região mais tarde conhecida pela palavra grega Aygiptos
(Egipto), derivada do nome do deus. A civilização do Egipto começa no Neolítico, cultura de que são prot
agonistas os Iberos ou Celtas originais, ou seja, os Celtiberos. Sabe-se que aqueles que colonizaram as
primeiras polis egípcias eram nómadas, ou seja, não provinham do meio ambiente e não eram indígenas.
Com a chegada destes e de outros povos africanos, provavelmente núbios ou etíopes, formaram-se dois
Estados diferentes (Baixo e Alto Egipto). Sabemos também que os portadores dos "ureus", após a unific
ação do Egipto, eram de origem uska.

Do ponto de vista atual, uma estrutura social como a que se desenvolveu na antiga civilização egípcia, b
em como noutras civilizações semelhantes, como os gregos ou os romanos, que acolheram instituições c
omo a escravatura, parece brutal, mas tem um fundamento e uma natureza mais complexos, que ultrapa
ssam a simples organização de uma sociedade remota. As sociedades antigas que, a dada altura, desen
volveram estruturas esclavagistas têm a sua origem em diferentes naturezas raciais que convergiram nu
m determinado momento, em resultado de migrações ou invasões.

No Egipto, a sociedade desenvolveu-se a partir das colónias atlantes, mencionadas na lendária tabula es
meralda, cujo rei sábio, Tot, o atlante ou Hermes, segundo os gregos, era o seu rei sábio. Estas colónias
provinham da própria Atlântida, mais tarde conhecida como Tartessos, na costa atlântica do sul de Espan
ha e Portugal, a mítica Hespéria. Esta raça-mãe das grandes civilizações que conceberam todas as gran
des coisas que conhecemos do Egipto organizou a sua constituição racial original em torno do princípio d
o sangue e, portanto, do parentesco. Assim se originou a nação das linhagens ou famílias originais do Eg
ipto, estabelecidas nas primeiras colónias nas margens ocidentais do Nilo. Estas famílias foram o germe
da raça real ou linhagem de faraós que se elevaram acima de todos os estratos sociais do Antigo Egipto,
subindo cada vez mais à medida que chegavam novos elementos demográficos, como comerciantes, esc
ravos, estrangeiros, etc.

Neste sentido, o faraó deixou de ser um mero intermediário dos deuses, dos quais descendia, para ser el
e próprio um deus. Toda esta assimilação populacional posterior, sob a forma de camadas e vagas migra
tórias sucessivas, caracterizadas principalmente pela pressão da Arábia, da Núbia, da Etiópia e do Alto N
ilo, elevou ainda mais o elemento racial original, até à formação de um estado sacramental que distingue
duas naturezas demarcadas ou separadas, tanto na vida como na morte. Desta forma, surgiria o sacerdó
cio egípcio, ligado à linhagem ou ao sangue do faraó. Estas concepções sociais estão na origem da reale
za e do voto de sacerdócio, formados através da convergência de diferentes raças em determinados mo
mentos do desenvolvimento da civilização egípcia. Esta conjunção de elementos raciais diferentes elevo
u a casta dirigente à própria divindade, numa tentativa não só de separar a sua nação e o seu sangue, m
as também de escapar à natureza muito diferente que a rodeava. Esta configuração, pouco comum noutr
as partes e regiões do Mediterrâneo, só podia desenvolver-se num tal ambiente, em tais circunstâncias,
e com elementos raciais de natureza muito distante. Foi assim que surgiram estas sociedades, cujas estr
uturas sociais nos parecem brutais do nosso ponto de vista, mas cujo nível de desenvolvimento e de civili
zação era o mais elevado do seu tempo, impossível de igualar durante séculos ou milénios.
Neste contexto, as sociedades foram estratificadas, formaram-se castas e surgiu a corte do faraó e dos s
eus parentes, ou seja, a nobreza, descendentes directos das primeiras famílias atlantes e do deus rei Tot
, que emigraram após o grande dilúvio ou cataclismo que, a dada altura, devastou e cobriu a maior parte
da civilização atlante original. A constituição racial do Antigo Egipto foi assim configurada em torno do sa
ngue real, constituído pelo faraó e pela sua corte, bem como pelos seus parentes, a nobreza.

À medida que se desenvolviam conceitos mais elevados e metafísicos, geralmente originados no context
o da proximidade de um declínio racial, como aconteceria também na Grécia Clássica e no surgimento d
a filosofia, formou-se uma liturgia de crenças que preparava o êxodo da corte, e como esta não podia de
slocar-se territorialmente e deixar o seu legado vazio, esse lugar de destino situava-se num plano superio

r, isto é, celestial. Foi assim que surgiu o Livro da Luz ou Livro dos Mortos, bem como os papiros e a litur
gia funerária. De acordo com esta conceção, o mundo além-túmulo destinado à raça do Faraó, e para on
de vão as outras raças do Antigo Egipto, se é que existe um para elas, é distinto.

Não há unidade racial e, portanto, não há unidade de religião e crença. Quando, mais tarde, os elemento
s raciais se misturaram, ou melhor, quando uma maioria deles se desmoronou num minúsculo, foi quand
o o sentimento religioso se unificou, e não só se acentuou uma conversão do sentido e do fundamento es
piritual, ou melhor, a perda deste último, mas também o desenvolvimento do próprio politeísmo, cuja orig
em nessas sociedades seria a convergência racial e a incorporação ou suplantação de diferentes crença
s e divindades, algo que a Suméria também sofreria.

É, pois, no Egipto que a raça do faraó se configura como algo não apenas distinto, mas como a própria o
rigem da divindade e de toda a conceção espiritual ou metafísica. Esta é a única relação ou conexão exis
tente entre os dois mundos ou naturezas no Egipto, e é, portanto, a origem de uma constituição racial pe
culiar, uma vez que transcende todas as esferas meramente terrenas. A formulação deste fenómeno relig
ioso-racial configura também uma estrutura social piramidal, que empurra a casta racial do faraó para o v
értice e a projecta para o além, elevando-a a uma conceção divina, não apenas de superioridade hierárq
uica, mas de superioridade dimensional. É por esta razão que o fenómeno religioso se institucionaliza e n
asce desta constituição racial, ou seja, da raça dos próprios faraós, a chamada casta sacerdotal. A config
uração destes três elementos, realeza, nobreza e sacerdócio, assenta num elemento racial comum.

Neste sentido, o sacerdócio desenvolve-se como uma autêntica demarcação racial, uma fronteira psicoló
gica e religiosa entre a constituição atlante e as raças afro-asiáticas. Uma vez que o sacerdócio correspo
nde às fronteiras entre a nação atlante e os estrangeiros, estas fronteiras não podem ser ultrapassadas o
u contestadas, pelo menos a nível metafísico e religioso. É nesta situação que observamos no Egipto um
a circunstância que também se verificou na Suméria ou na Grécia. No início do declínio da raça atlante, e
sta desenvolveu o prodígio da civilização, conquistando o mundo da filosofia e do fenómeno religioso, ger
ando assim novas concepções, até então desconhecidas, que formulam novos planos da psicologia de u
ma raça, dignos do mais minucioso estudo. Essas considerações do pensamento filosófico-espiritual ace
ntuam-se, portanto, quando se constata ou se percebe a proximidade do declínio de uma constituição rac
ial. Neste sentido, a Grécia clássica viu surgir o génio de Aristóteles ou de Platão, numa época em que a
raça helénica era já uma ínfima parte da população da polis grega. Também na Trácia nasceram novas c
oncepções religiosas, das quais surgiria o cristianismo, numa altura próxima do seu declínio.

Embora o sacerdócio no Egipto e noutras culturas seja um fenómeno antigo, a sua base é a de um povo
migrante e colonizador, cuja natureza exige o estabelecimento de fronteiras essencialmente raciais, asse
ntes num substrato mitológico de heróis deificados, terras ancestrais, templos, Olímpia, acrópole, etc., qu
e representam as fronteiras espirituais e raciais. Pode dizer-se que a visualização das primeiras divindad
es egípcias é, na sua essência, a história e o testemunho dos seus antepassados atlantes, sendo o dese
nvolvimento de uma religião complexa e a institucionalização do sacerdócio um sintoma do declínio de u
ma raça à medida que estabelecia as suas fronteiras raciais fora deste mundo. Neste sentido, o sacerdóc
io egípcio não se destinava ao culto do povo, ou seja, à chamada piedade popular, mas estava confinado
ao domínio da corte ou da raça sagrada, a própria raça-nação.

No Egipto, o mais alto sacerdócio, ou seja, o alto pontificado, era assumido pelo descendente dos deuse
s, ou seja, o faraó, intermediário entre a divindade e os mortais. O clero era constituído por uma série de
dinastias sacerdotais, relacionadas com a família real, racialmente ligadas ao faraó, sendo o sacerdócio,
tal como o ureus, herdado de pai para filho. Aqui o sacerdote não é um xamã ou feiticeiro, mas um eleme
nto de toda uma estrutura pontifícia ao serviço da raça mística. Nada se assemelha, em forma ou substâ
ncia, ao que encontramos nos povos asiáticos, africanos ou indianos.

A escravatura no Egipto, tal como na Grécia ou em Roma, foi concebida neste tipo de estruturas sociais,
de uma forte religiosidade institucionalizada, centralizada e exercida pelo poder. Como indicámos, todo e
ste aparato místico e religioso moldou as fronteiras raciais ou a constituição racial da nação original, cuja
psicologia está em parte representada nestas crenças e rituais. Este facto é importante para estabelecer

relações deste tipo entre as antigas culturas mediterrânicas de origem usko, na medida em que nelas se
encontram elementos místicos e religiosos comuns. Existe assim uma fiel e surpreendente correlação de
pensamento místico, mitológico e religioso, bem como um forte sincretismo, entre as correntes de pensa
mento das antigas civilizações uskas do Mediterrâneo, Grécia, Roma e Egipto. Qualquer elemento disson
ante, incoerente ou incompatível provém exclusivamente do mundo afro-asiático.

Os pais Cro-Magnon da raça Uskara e os filhos da Atlântida exterminaram os seus semelhantes hominíd
eos, os deprimidos, atávicos e bestiais, em suma, inferiores, meias-feras. Este fenómeno não se verificou
em todo o lado e as práticas que os Cro-Magnon exerceram sobre os seus parentes menos evoluídos fo
ram muito diferentes. Sabe-se que este homo-sapien, nascido na Europa Atlântica, chegou à Líbia e ao E
gipto, de onde grupos destes e dos Neandertais passaram para a Ásia. No Egipto e noutras partes da Áfr
ica Oriental, o Cro-Magnon não extinguiu o resto dos hominídeos inferiores, mas, pelo contrário, estes últi
mos conseguiram prosperar e sobrepovoar áreas que hoje são o deserto africano e que há mais de trinta
mil anos eram um pomar. Estes hominídeos não conseguiam sobreviver na Europa Atlântica, uma regiã
o fria e cruel para os inferiores e fracos. Foi só assim que a humanidade conseguiu crescer a partir do m
esmo gelo, frio e nada que surgiu a vida no planeta.

No continente africano e também no asiático, as populações de hominídeos eram abundantes, embora n
unca tenham sido capazes de desenvolver qualquer civilização ou qualquer indício de humanidade. Os C
ro-Magnon, no que viria a ser o Egipto e noutros locais, cruzaram-se ou foram em grande parte absorvido
s pelo resto dos seus parentes hominídeos símios. Estes últimos, se não tivessem recebido sangue Cro-
Magnon, teriam acabado como o resto dos seus parentes, tornando-se os macacos e símios actuais (des
cendentes degenerados da espécie hominídea). Em todas estas regiões africanas, como resultado do Cr
o-Magnon e do resto da espécie hominídea, surgiram povos e raças africanas. O mesmo acontece na Ási
a, e mais tarde na América com as raças mongolóides. A história do Egipto começa com este turbilhão d
e mestiçagem, do qual emergem os povos que irão descender com o aquecimento gradual da terra para
as regiões do Alto Nilo, Sudão e Etiópia. Durante o Neolítico, o Egipto voltou a ser povoado pela raça mai
s pura do mundo. A origem deste povo foi a Europa Atlântica ou diretamente a Atlântida. As vagas de raç
a atlântica chegaram até à Índia e deixaram numerosas povoações neolíticas no Norte de África. No Egip
to, as populações conseguiram estabelecer-se ao longo das margens do Nilo, e puderam deslocar-se até
ao Alto Egipto, formando as primeiras colónias estáveis, as futuras polis.

Neste contexto de há dez mil anos, a desertificação progressiva e a subida constante do Saara fizeram o
mesmo que os gelos glaciares na Europa quinze mil anos antes, isolando e concentrando a população. D
e Merimde ao Fayum, formaram-se os primeiros povoados neolíticos estáveis, a primeira cultura egípcia
e os primórdios da civilização egípcia. A jusante, a raça negra aumentou e espalhou-se para oeste, sob a
barreira do Sara, e para sul, através do continente. Durante todo o período pré-dinástico, as únicas popu
lações que chegavam ao Nilo vinham do ocidente e, provavelmente, do mar, uma vez que, tanto do sul c
omo do Sinai, a barreira do deserto era suficientemente larga para impedir a penetração de outros povos
provenientes da Ásia ou de África. Até ao Período Arcaico, não houve qualquer contacto com outras raça
s, e é desta época que datam os primeiros conflitos.

A preponderância desta raça atlântica manteve-se quase durante toda a história do Antigo Egipto, perden
do força a partir de Ramsés II e desaparecendo finalmente com a dinastia Kushite.

Até à fase final desta civilização, manteve-se uma albocracia forte, baseada numa constituição política qu
e separava o mundo africano do mundo egípcio. O Egipto antigo não era uma nação multiétnica, uma ve
z que, durante a maior parte da sua existência, manteve a distinção entre o povo dirigente, ou seja, a raç
a dinástica, que ocupava as classes superiores (principalmente a aristocracia e a casta sacerdotal), e, po
r outro lado, os servos e os escravos, principalmente africanos, estes últimos. Durante a vigência desta c
onstituição, nenhum destes grupos étnicos podia pertencer à casta do outro, sendo impossível a um serv
o tornar-se vizir, membro da corte ou da casta sacerdotal. A pertença a uma casta era concebida como u
m direito de sangue, ou seja, racial.

À medida que a constituição político-racial se foi desfazendo, foi-se desfazendo, pontualmente no início,

consagrando-se o princípio da meritocracia (como graça ou recompensa aos mais leais e eficientes servo s do Egipto), e permitindo que a raça africana e asiática ascendesse a posições elevadas no exército e n a política, e mais tarde de forma generalizada e indiscriminada (como mais tarde fez o Império Romano), o Antigo Egipto acabou por perder a sua albocracia e tornou-se um estado africano, terminando a sua his tória como a primeira civilização da humanidade. @PTCE_2

As Dez Tribos Perdidas e os descendentes de Eber (os Eberitas ou Iberos)

Nas Colinas de Golã está o chamado Gilgal Refaim, o Stonehenge de Israel, o vestígio visível do Megalíti co que os Uskos deixaram como sinal da fundação do antigo reino das Dez Tribos. Este símbolo atlante, desprezado pela arqueologia e pela paleontologia ocidentais, desconhecido porque foi encontrado na ma ré suja e abrupta das religiões que o rodeiam, é o templo onde foi erigida a pedra de Scone, do pacto de sangue da Casa de Israel. À volta deste monumento megalítico, cuja forma lembra o plano da capital da Atlântida, encontram-se centenas de outros dólmenes, de estilos diferentes, correspondentes a tribos dife rentes, e erigidos pelos Uskos que fundaram Israel e a Galileia. Estes megálitos, no seu estilo, forma e e strutura, foram erigidos pelo mesmo povo que ergueu os dólmens da Península Ibérica.

A região de Golã, situada no coração do antigo reino usko de Israel, é o centro não só desse reino, mas t ambém da criação da Galileia. Esta terra, o último vestígio dos uskos galaicos ou galileus, pode ser vista das suas colinas. As colinas de Golã têm o nome do referido rei de Osku e patriarca ibérico dos celtas go élicos, Golam (exterminador), também conhecido como Míl Espáine.

Deste povo paleo-ibérico, surgiriam os israelitas, os hititas e as dinastias e civilização egípcias. Os hititas, antes da chegada dos gálatas, formaram o primeiro império usko na Ásia Menor. Na época da sua maior expansão, coexistiam três impérios: o egípcio, o babilónico e o hitita. A cultura hitita, tal como a hurrita, é considerada como fazendo parte das línguas usko-mediterrânicas e, por conseguinte, também relaciona da com o basco. Não foram os antepassados dos turcos, mas sim os Uskos ou Usko-Mediterrânicos. A hi stória antiga da Turquia parece ter-lhe destinado a tornar-se uma das nações uskan do Mediterrâneo. A o este da Anatólia situavam-se as colónias dos antigos gregos, que eram em grande parte uskos, tal como os seus antepassados, os pelagianos, a centro e a sul os hititas e mais tarde os gálatas, e a leste os ibéri cos. No entanto, o aumento e a pressão dos povos asiáticos turcos e árabes, tal como aconteceu com Us karia (Suméria), acabaram por tornar as populações da Ásia Menor semelhantes às da Arábia. Este proc esso foi mais intenso durante o Império Bizantino e acelerado sob o Império Otomano.

Os hititas foram um povo influente cuja presença e influência se estendeu até à Grécia. Os antepassados dos frígios e dos hititas, ambos povos uskos, chegaram a Creta e à Grécia, desenvolvendo a era neolític a, no 4º milénio a.C., e estabelecendo o que viria a ser a civilização minóica. A mesma raça Pelasgiana, vinda do Ocidente, estabeleceu-se na Grécia, formando o Egeu Koine no 2º milénio, e o início do período Heládico e da Idade dos Metais. Nesta altura, a Grécia gozava de estabilidade e paz, mantendo-se tamb ém isolada da influência oriental, uma vez que os Uskos fundaram e mantiveram estados fortes no Próxi mo Oriente. Esta situação foi um terreno fértil para a germinação da civilização. Assim se desenvolveram as civilizações micénica e ateniense, formadas pelos descendentes destes povos Pelasgianos e Uskos.

Os descendentes directos de Abraão (cujo nome também significa rei dos ibéricos), nascidos na cidade s uméria e usko-mediterrânica de Ur, são, segundo a Bíblia, os que formaram o Reino Unido de Israel, origi nalmente composto pelas Doze Tribos. Provinham do antigo Império Sumério (Uskaria), constituído por a ntigas tribos ibéricas ou usko-mediterrânicas. Antes de Abraão, o seu antepassado, o patriarca ibérico Eb er, fundou o que era originalmente a cidade uska de Ur Salem ou Uruskalem (nas línguas usko-mediterrâ nicas significa a cidade de onde brota a fonte de água), ou seja, Jerusalém, conhecida desde a antiguida de pela grande fonte de Gihon, que permitiu o seu povoamento e expansão.

Após o desaparecimento de Uskaria, há mais de 4000 anos, na sequência da invasão acádica, os último s uskrianos dirigiram-se para a Samaria (Cisjordânia), a Galileia e a Galácia, onde seriam conhecidos co mo samaritanos e gálatas. O reino de Israel seria conhecido na Antiguidade como o reino de Samaria, re cordando o seu nome da sua terra natal, a Suméria. A capital original também se chamava Samaria (Su

méria). A linha real que governou as tribos de Judá pertencia originalmente ao sangue Uska de Abraão.
No entanto, o seu povo, muito próximo de África e da Arábia e, portanto, da influência dos árabes acádio
s, não demonstrando qualquer atitude combativa ou de rejeição dessa influência, quer porque os da linha
gem de Abraão eram apenas a casta ou a oligarquia, que porque cedo sofreram uma intensa e abrasiva
miscigenação, que acabou por os identificar mais com aquela família de povos afro-asiáticos, rapidament
e se assemelhariam aos habitantes que hoje podemos encontrar na Palestina. De facto, os rabinos não r
econhecem a mesma identidade étnica para os membros das tribos do norte, ou seja, as Dez Tribos de I
srael, que são os descendentes mais puros e íntegros de Uskariah, como reconhecem as Tribos de Judá
.

Com o cativeiro de Nínive e após a divisão do Reino, houve uma influência crescente também no Norte,
ou seja, no Reino das Dez Tribos. No entanto, nesta ocasião, os acontecimentos conduziram à destruiçã
o definitiva destas tribos. As mesmas pessoas que tinham destruído Uskariah destruiriam agora o reino d
e Usko de Israel. No entanto, os mesmos descendentes de Nabucodonosor são agora os que se apropria
m do termo israelita e se acreditam herdeiros desse reino. Por outras palavras, o invasor e destruidor can
aneu está a apropriar-se do nome e do legado do povo lendário que aniquilou.

O facto de as tribos do sul, ou tribos de Judá, serem não combatentes e submissas, aliado a uma assimil
ação étnica e cultural cada vez mais intensa à identidade árabe dos invasores, fez com que estas tribos p
udessem continuar a existir durante mais algum tempo. No entanto, não tardou muito para que o mesmo
destino se abatesse sobre elas e um grande número de habitantes de Judá se dispersasse para a Babiló
nia. As tentativas subsequentes de restabelecer o reino de Israel, permitindo o regresso de populações is
raelitas ou judaicas de partes da Mesopotâmia, da Arábia, etc., só viriam a identificar ainda mais o inimig
o ou invasor árabe com o povo eberita destruído, de origem usko. O israelita foi então confundido com as
restantes populações das tribos de Judá (mestiças, semi-misturadas e arabizadas). Por isso, para restau
rar o reino histórico de Israel, tentou-se, tanto na antiguidade como nos últimos tempos, trazer de volta as
populações que durante algum tempo estiveram dispersas na Babilónia ou noutras zonas da Arábia, ent
endendo-se que foram elas que formaram originalmente o povo hebreu. Assim, antes do Império Roman
o, com uma atitude mais permissiva em relação aos judeus, que eram quase étnica e culturalmente indist
inguíveis dos outros povos que então dominavam a antiga Mesopotâmia, tentou-se trazer de volta as pop
ulações judaicas exiladas de Judá. O resultado de todo este processo histórico foi a tentativa bem sucedi
da de eliminar as pessoas e os povos que poderiam tornar-se fortes e representar uma ameaça no futuro
(ou seja, os Uskos), deixando o resto dos povos submissos e indiferentes. Seguiu-se uma drástica muda
nça filosófica, religiosa e cultural que viria a dar origem ao judaísmo, atualmente identificado como "israel
ismo".

O reino de Judá permaneceu escassamente povoado, sem grandes centros urbanos, como a maior parte
do reino do norte de Israel. Judá era um reino tribal de aldeias de montanha, um ponto de paragem entre
vários Estados afro-asiáticos. Inicialmente, tal como os reinos vizinhos da Casa de Israel, como o hitita,
o amonita ou o moabita, Judá formou-se a partir das aldeias fundadas pelos descendentes uskara do anti
go Império Sumério, após o cativeiro acádio de Uskaria. Neste território, situava-se a cidade uskara de H
ebron (cidade dos ibéricos). Ao contrário do sul, e devido à sua maior densidade e posição, as tribos do n
orte eram mais desenvolvidas, cultas e civilizadas, e constituíam o início do que se pretendia ser o camin
ho para um grande império.

Os arameus fizeram parte das migrações dos povos do deserto (árabes) e instalaram-se em regiões que
foram gradualmente desabitadas pelos uskos sumérios. Assim, repovoaram a cidade de Osku (que, tal c
omo a cidade urartiana de Uzku ou Uskaya, recebeu o nome do lendário país de Osku, a pátria ibérica ori
ginal dos Uskos), a que chamaram Dim-Oshku (Damasco).Antes que os arameus, e o resto da influência
dos povos árabes, se organizassem mais tarde em estados ou impérios árabes (acádio, assírio, persa), a
s regiões adjacentes ao Reino de Israel formaram uma série de polis e estados originalmente fundados p
or culturas usko-mediterrânicas.

Todos estes povos (hurritas e ugaríticos) eram conhecidos pelos egípcios e acádios como habiru, ou seja
, ibéricos. Os fenícios ou púnicos, situados a noroeste do Reino de Israel, eram também originários de tri

bos uskanianas, que fundaram cidades como Ugarit e cuja cultura se situa no âmbito das línguas usko-m
editerrânicas. Os proto-fenícios ou ugaritas não eram árabes, mas uskos (asiáticos), e o seu rei era conh
ecido como Ibiranu (rei ibérico ou príncipe dos ibéricos).

Tal como o resto do reino de Israel, também o reino púnico ou fenício sofreu a invasão e a colonização d
os árabes do deserto. A expansão púnica chegaria até ao Mediterrâneo ocidental, fundando Cartago (cid
ade cujo nome continha a palavra -kart- que significa cidade na língua cita), cuja aristocracia era provavel
mente tão uska como a egípcia. De Cartago surgiriam os Bárquidos que invadiram grande parte do Impér
io Romano. Por fim, a intensa miscigenação com os árabes fez com que os povos de Israel e da Fenícia f
izessem parte do mesmo, apagando quase por completo qualquer traço racial uska.

Os filisteus, estabelecidos mais a sul, a oeste de Israel, na costa mediterrânica e nalgumas zonas de Can
aã, eram também originalmente uskos ou pelagianos, provenientes das colónias do Egeu. Mais uma vez,
acontece que uma sociedade com traços matriarcais se torna semi-matriarcal e se torna patriarcal, muda
ndo assim a sua cultura e religião.

Os fundamentos místicos e históricos em que se baseia a Torá, o livro ou lei sagrada dos judeus, são em
parte as lendas da tradição suméria, contendo numerosos capítulos da mesma, como o Génesis, o Gran
de Dilúvio, a história de Jonas, a separação das águas, etc. Não há nada que não possa ser encontrado
na mitologia suméria, sem ela a Torá é vazia, assim como a farsa da história judaica. Toda a religião juda
ica é uma tentativa bem sucedida de falsificar a história e a sua origem, da qual só se pode tirar uma idei
a, a da usurpação e do cinismo. O judaísmo fala de perseguições sofridas, e o êxodo invocado pelo povo
judeu como a sua dramática consequência. No entanto, a história mostra que foi o próprio povo cananeu
que deportou ou, conforme o caso, exterminou os povos asiáticos (Uskos), forçando-os ao êxodo e ao c
ativeiro, para finalmente apagar até ao último vestígio da sua história, religião, crenças e tradições, da su
a natureza e origem, para se apropriar, mitificar e adulterar, construindo assim o judaísmo actual. Algo se
melhante a este processo aconteceu quando o império árabe acádio invadiu Uskaria, tentando usurpar a
sua cultura e a sua história indelével, deportando e aniquilando o povo original.

Hoje podemos determinar a origem genotípica exacta e a identidade da linhagem da Casa de Israel e, co
nsequentemente, de Jesus Cristo. A evidência é tão clara que alguns antropólogos e geneticistas estabel
ecem a origem do haplogrupo R1 no Médio Oriente. Especificamente, eles estabeleceriam a linhagem eu
ropeia R1b no que foi outrora o reino hebraico da Casa de Israel, ou as Dez Tribos. Esta teoria explicaria
por que razão alguns tipos ou haplótipos deste haplogrupo estão presentes em vastas áreas da Ásia Cen
tral e nos grandes centros da civilização babilónica e persa (planalto iraniano). Outras evidências sugere
m que este haplogrupo veio da própria Europa, através da Ásia Menor. A favor desta teoria está o foco d
a cultura Aurignaciana, que é mais uma prova da extensão do proto-Céltico Sapiens Ibérico ou Eberita so
bre o continente asiático. Assim, a variedade de subtipos ou haplótipos da família R1b que existem na Ás
ia seriam provenientes da própria variedade e extensão em que se desenvolveram, e o resultado de long
as migrações transcontinentais, fundamentalmente de origem neolítica. A diversidade e extensão da Ásia
favoreceriam uma evolução heterogénea, ao contrário do que aconteceu na Hibéria. As diferentes casas
de Israel corresponderiam a cada um dos subtipos (etnias) R1b existentes. A diáspora das Dez Tribos d
a Casa de Israel teria como consequência a grande dispersão das etnias ou povos descendentes dessas
tribos originárias da Galileia e da Uskaria.

Em todo o caso, ambas as posições determinam que inexoravelmente a Casa de Israel, e portanto tambe
m Josefina, pertenciam à linhagem R1b, convertendo este haplogrupo no distintivo do sangue real. Isto é
contrário ao que tradicionalmente se entende como a linhagem judaica de Jesus Cristo, já que David pro
vavelmente também não era judeu, e muito menos se tivesse sido o antepassado de Jesus, algo que ele
próprio nunca insinuou. Em todo o caso, e como já foi dito, é muito provável que as casas reinantes em
Judá fossem de origem usko, e mesmo que uma parte não negligenciável da população tenha conservad
o substancialmente o seu sangue ibérico (o remanescente), como foi sem dúvida o caso dos primeiros se
guidores messiânicos de Jesus e evidentemente o dos apóstolos.

O desaparecimento, ou melhor, a difusão asiática das tribos, reflecte-se no mapa genético da Ásia. A pre

sença genotípica de HR1b é anedótica na maioria dos casos de povos e nações asiáticas, mas suficiente
mente significativa para determinar que a dispersão da Casa de Israel, para além de um facto bíblico, foi
um acontecimento histórico ligado a uma realidade racial diferente da comummente aceite.

O termo judeu refere-se ao povo da Casa de Judá (que não era originalmente cananeu/árabe) e, para alé
m de um grupo humano e religioso, é também uma conjunção ou justaposição de linhagens afro-asiática
s. Se outrora era pura, a linhagem dos semitas (Shem) cedo se habituou a cruzar com outras raças e, a p
artir da quase expansão demográfica, começou a ser um povo mestiço. Quase nenhum grupo humano o
u religioso, maometano ou judeu, conserva uma intensidade superior a cinquenta por cento da linhagem
J (a origem dos cananeus). As suas intensidades de cerca de quarenta por cento partilham nos mesmos
povos judeus e maometanos o envolvimento com outras linhagens asiáticas e africanas e, em menor gra
u, ocidentais. Isto significa uma grande mistura somática de genes afro-asiáticos.

Consequentemente, a realidade étnica judaica atual é praticamente inexistente. Ou seja, não existe um g
rupo etnicamente coeso o suficiente para ser considerado judeu, descendente da Casa de Judá. O result
ado é a ausência de identidade étnica e a junção do conceito de judeu e maometano, na consideração re
ligiosa que entendemos hoje. Os judeus são, portanto, um grupo mestiço, no qual se fundem linhagens a
siáticas e africanas, com a contribuição de uma certa intensidade do HJ, último vestígio da Casa de Judá
. Quase nenhum povo árabe conserva uma contribuição apreciável de sangue real, confinado à linhagem
usko (r1b), exceto no caso dos sefarditas (judeus hispanizados).

O conceito israelita refere-se ao nome tomado como próprio pelos judeus farisaicos e mestiços, estabele
cidos no atual Estado judaico. Ambos os nomes são impróprios: primeiro, israelita, porque se refere ao n
ome do povo israelita bíblico (ou seja, pertencente à Casa de Israel e não à Casa de Judá); e Estado de I
srael ou Israel porque se refere ao nome dado ao reino de Jerusalém pertencente aos israelitas e, portan
to, à linhagem de sangue real.

Os hebreus são os descendentes, segundo a Bíblia, de Eber, descendente de Noé e epónimo dos eberit
as (não confundir com o eberita, também chamado Eber Finn, filho de Míl ou Miles, o ibérico atlante que f
undou a Irlanda e a Escócia). É, pois, o povo ibri ou iber, como o designa a Bíblia, ou eberitas (ibéricos),
a verdadeira linhagem da Casa de Israel, a única portadora de Sangue Real, e por isso legítima para usa
r os nomes bíblicos israelita e israel, bem como o nome que lhe é dado pela Bíblia, ibri (hebraico).

O nome do texto sagrado Bíblia, vem do grego, que por sua vez o traz da cidade ibérica de Bílbilis na His
pânia Citerior, situada na colina de Bámbolan nos arredores do rio Ebro (dos hebreus ou eberitas) e cujo
s últimos povoadores foram a tribo celtibera dos lusones.

A cidade onde se situa o nascimento histórico de Jesus também tem a origem do seu nome em terras ibé
ricas. A cidade de BETHLEHEM, que daria à luz um deus, provém do deus ibero-céltico Belenus, que era
a divindade da luz, pelo que esta cidade significaria o lugar sagrado do nascimento de um deus usko.

"Os Eberitas são os descendentes da espécie humana do homo Atlanticus, de onde surgiria a linhagem d
e Deus."

Os termos hebreu (eberita ou ibérico) e israelita, referem-se à linhagem da Casa de Israel (a mesma de J
esus Cristo), que são os únicos portadores do Sangue Real, originário da raça Uska, e que se encontra a
tualmente implantada na Europa Ocidental. Os hebreus são os antepassados dos ibéricos, assentados n
o rio Ibaiber ou Ebro (rio hebraico), e são os descendentes directos de Eber (patriarca dos israelitas). O f
oco humano e genotípico do rio Ebro, estabelece a maior frequência de haplogrupo H3 e H2 do mundo, e
uma das maiores frequências de Hr1b. Isto demonstra que este rio significou um Éden para a população
hebraica ou celta da Europa Ocidental, e com maior intensidade durante a pré-história. Os termos hebre
u, israelita (não confundir com israelita) e celta referem-se à mesma realidade étnica e genotípica.

Seguindo o caminho traçado pelo Hr1b nas suas rotas asiáticas e europeias, podemos descobrir quais fo
ram os destinos do povo de Israel.

Quando terminou o domínio dos juízes das Casas de Israel, estas foram ocupadas por reinos chefiados p
elos descendentes dos antigos reis lendários da Ibéria, após a chamada seca de Espanha, no tempo do r
ei Abides. Assim, sabemos que Manassés ou Manassés, por exemplo, e pela sua relação comum també
m Efraim, foram governados por reis de linhagem eberita de origem egípcia, tão uskos na sua linhagem c
omo foi o rei Tut. Também o patriarca Labão era de linhagem uskara, tendo nascido na cidade uskomedit
errânica de Padam Aram (Mesopotâmia), e foi o antepassado da maior parte das casas governantes das
tribos de Israel. Finalmente, convém recordar que a cidade ibérica de Ur, na Mesopotâmia, situada perto
de Uruk, foi o local de nascimento de Abraão, o patriarca israelita mais remoto desde o Dilúvio. Foi ele qu
em selou o pacto racial, através do qual seria construído o primeiro templo do reino de Israel.

Na mitologia ibérica, o rei ibérico Eber, filho de Míl Espáine (herói cita e fundador da Irlanda e da Escócia
), também descendente da realeza uska do Egipto, tomou o nome daquele que, segundo a Bíblia, foi o p
ai dos eberitas ou povos ibéricos, ou seja, dos hebreus ou uskos. Este patriarca, antepassado de Abraão,
foi marido de Azurad, o que fez de Héber ou Éber o genro de Nemrod. Este último rei foi o fundador míti
co da Mesopotâmia uska (Uskaria) ou Suméria. Nemrod, tal como o seu genro Héber, era um descenden
te direto de Noé e também um antepassado de Jesus Cristo. Com as sucessivas vagas acádicas e a con
quista síria final por Assurbanipal, os últimos uskrianos da Mesopotâmia foram deportados para a Galileia
, Samaria, etc. (Esdras 4,9-10).

Uma questão complexa seria definir onde e quando terminaria o hitita e o usko e começaria o edomita/ár
abe no reino de Israel. A divisão do reino unido de Israel segue um facto ignorado e despercebido pela tr
adição judaica. Os judeus argumentam uma questão tributária para determinar a rejeição do filho de Salo
mão. Outra questão é que este rei foi o primeiro rei de Israel a tomar como esposa uma estrangeira, Naa
má, do reino edomita de Amon (os amonitas eram considerados pela Bíblia como antagonistas dos israeli
tas). Assim, Roboão seria o primeiro descendente da linhagem de David de origem mista. A aliança de A
braão sobre o sangue de Israel tinha sido quebrada. É muito provável, no entanto, que tais injúrias estive
ssem a ser cometidas intensa e extensivamente no território de Judá algum tempo antes. O facto de a re
aleza também o ter feito foi um facto importante, pois a manutenção do sangue dentro de um pacto sagra
do tinha como objetivo o advento do messias de sangue puro. Então, as tribos do Norte, que continuava
m a designar-se como o reino da raça de Israel, nomearam como rei Jeroboão, que, embora não fosse d
escendente de David, era de linhagem pura, filho de Nebate e de Sheruah (que em basco significa céu).

No reino de Judá, após o cativeiro babilónico (séculos depois da aniquilação assíria do Reino do Norte d
e Israel), restou um resto do povo hebreu, as famílias normalmente camponesas e mais humildes. A arist
ocracia, os sacerdotes e as pessoas influentes que dirigiam o reino foram deportados para a Babilónia, o
nde o seu sangue se misturou com o da raça cananeia. Trata-se, portanto, de um facto que afectaria um
a oligarquia religiosa e política. Foi aí que nasceu o judaísmo tal como o conhecemos hoje.

No século VI a.C., o rei Ciro, o Grande, conquistou o Império Babilónico e permitiu que os descendentes
dos deportados regressassem a Judá, sendo no seu regresso quase indistinguíveis dos povos árabes.

A gente comum, os artesãos, os camponeses, etc., conservaram ainda o sangue eberita dos seus antepa
ssados, o que em termos bíblicos é conhecido como o resto de Israel. É por isso que Jesus Cristo é um i
sraelita de origem humilde, filho de um carpinteiro, cuja família não sofreu a deportação. No entanto, veio
para Belém da Galileia, provavelmente juntamente com outras famílias hebraicas. Belém foi fundada pel
os seus antepassados Uskos, os verdadeiros hebreus. A sua família não se casou entre si e manteve-se
afastada da influência semita então enraizada na cidade de Jerusalém, onde, na época de Jesus, a oligar
quia religiosa e política (edomita) estava fortemente enraizada.

Jesus nasceu entre as hienas, o seu destino estava escrito. Quando entrou no chamado Templo de Jeru
salém (o mercado judaico), não expulsou os mercadores, mas sim os edomitas (falsos hebreus que const
ituíam a oligarquia religiosa e, portanto, o poder do sacerdócio) em quem, como diz o Evangelho, não co
nfiava porque os conhecia muito bem. Jesus rodeou-se de apóstolos, alguns deles seus parentes, outros
pertencentes a famílias hebraicas de camponeses, pescadores e gente da cidade que, tal como ele, se m

antinham limpos de sangue cananeu. Também os primeiros seguidores de Jesus, os chamados primeiros cristãos, eram membros do povo comum e não judeus. Estes últimos dominavam a vida cultural, política e religiosa através do Sinédrio, durante o domínio romano.

A razão pela qual a oligarquia egípcia Uska, sendo uma minoria étnica durante séculos, conseguiu preservar a pureza do seu sangue através das suas leis sagradas, e os hebreus deportados, que eram também a casta dominante em Judá, não conseguiram manter a integridade da sua raça, é basicamente o facto de estes últimos terem deixado de ser o poder religioso e político durante o seu cativeiro. Enquanto os Uskos egípcios mantiveram o seu estatuto até ao fim dos seus dias no Império do Nilo e, portanto, a sua própria constituição racial, os Eberitas, depois de perderem a sua liberdade, foram submetidos ao poder edomita. Tendo-se tornado cativos desse poder, a sua independência e liberdade desapareceram, e não puderam manter as antigas leis matriarcais da raça, sob um poder patriarcal edomita. Ao retornarem do cativeiro, os hebreus, já contaminados com o sangue deicida, continuaram submetidos ao poder estrangeiro, onde a influência cananeia, agora edomita, se estabeleceu mais firmemente. Por esta altura, a propagação da raça do deserto tinha sufocado os antigos povos asiáticos (Uskos), reduzindo o seu sangue a uma anedota, em quase todo o Próximo Oriente. Nas regiões setentrionais, os turcos e os mongóis fariam o mesmo com os citas. A preservação de uma constituição racial depende inexoravelmente da manutenção do estatuto de poder sobre as outras raças do mesmo Estado, que é a única forma de preservar o sangue original do poder.

Nessa altura, que diferença poderia haver entre os habitantes de Judá e da Babilónia e os árabes (ou entre os mercadores de Judá e os mercadores do deserto)? A resposta está na origem da lendária disputa entre os dois povos sobre a sua pretensa supremacia religiosa. Do ponto de vista racial, os dois povos são indistintos: cananeus ("judeus" contemporaneos) e árabes são um só e o mesmo, sendo estes últimos mais puros do que aqueles. No plano religioso, os árabes mantiveram, antes de Maomé, as religiões politeístas originais dos povos semitas (ídolos). No entanto, o contacto contínuo dos árabes com as regiões do judaísmo trouxe os dogmas religiosos do judaísmo (crenças sumérias adulteradas com falsas lendas judaicas). Como resultado, muitos árabes começaram a simpatizar com o judaísmo de base suméria, iniciando pela primeira vez uma crença monoteísta. Nesta altura, começaram a tomar forma as duas religiões que iriam dominar o mundo cananeu, formando durante algum tempo uma única religião proto-judaica, que agrupava tanto judeus como árabes, cuja raça era a mesma. O Sinédrio continuou a considerar-se o centro religioso do Próximo Oriente e, em várias ocasiões, demonstrou a sua intenção de não renunciar a essa posição, considerando-se o legado original da tradição abraâmica, ou seja, o verdadeiro povo de Deus. No entanto, para poderem ser considerados o verdadeiro ou único povo de Deus, tiveram de se distinguir dos restantes irmãos, atribuindo a si próprios uma origem própria e diferente das restantes tribos do deserto. Para o efeito, apropriaram-se da tradição suméria, ficando o resto do trabalho a cargo dos seus irmãos árabes. Estes últimos seguiram os passos do seu líder Maomé, que se constituiu como o Sinédrio do seu povo, fundando um outro ramo do judaísmo, o maometanismo ou religião muçulmana. A partir desse momento, a história determinaria a existência de duas (falsas) religiões, e de dois povos de origens e nacionalidades supostamente diferentes (dois Sinédrios, um em Jerusalém, destruído e desaparecido durante séculos, e outro em Meca).

As diferentes versões evangélicas do nascimento de Jesus revelam as circunstâncias de um nascimento isolado, discreto, num ambiente rural, rodeado de pastores, longe do centro do judaísmo edomita e do Templo de Jerusalém. Estas versões não dão razões ou explicações para o advento discreto e secreto de um Deus. O nascimento do ungido, num ambiente pobre, indigno e isolado, que, em vez de repelir a riqueza, quis isolar-se, afastando-se do centro do judaísmo edomita, que era a encarnação viva de todo esse mundo oriental luxuoso e podre. A riqueza era o símbolo e a caraterística do "edomitismo" da época, representando o mundo oriental, cuja natureza era a antítese de tudo o que era elementarmente cristão. O Messias nasceu no mundo mais oposto ao judaísmo edomita, rodeado de tudo o que o isolava da sua influência, onde não havia templos, nem rabinos, nem fariseus. Cristo, portanto, é o exemplo da sua própria essência e pureza desde o nascimento. Apesar das tentativas de ligar o cristianismo ao judaísmo, não há senão autenticidade na sua origem, que se acentua no seu desenvolvimento e no seu resultado. O cristianismo não é, portanto, um desdobramento do judaísmo, que não tem autenticidade alguma. O judaísmo, ao contrário do cristianismo, não provém de uma natureza autêntica, mas é gerado com base na miscige

nação e utiliza elementos lendários de outros povos, que interpreta subtilmente até formar com eles elem
entos moralistas que não pertencem à sua própria natureza. Este último é o que geraria o estado de conf
usão no início do cristianismo. Ao mesmo tempo, são esses aspectos morais que se dirigirão para reorie
ntar a psicologia da natureza oriental, encarnada no edomita. Para este último, surgem as normas morais
, moldadas quase como um código de conduta, mandamentos, ordens (estas últimas no caso do maomet
ismo). A carga imperativa é introduzida em todas as histórias lendárias que outrora faziam parte do mistic
ismo sumério.
No fundo, o judaísmo torna-se um repertório de lendas de outros povos, sumérios e orientais, a que se s
obrepõe um carácter moralista imperativo, cujo objetivo era amortecer a influência oriental. Esta última in
cluía aspectos pueris e sentimentalistas, como a recompensa ou o castigo, bem como o medo, o desgost
o ou a propriedade.
Sem estes últimos elementos, as lendas que compõem o misticismo judaico não seriam muito diferentes
das crenças mitológicas. De facto, se não fosse o Cristianismo, o "judaísmo" não teria passado de mitolo
gia.

O Cristianismo, que constitui em grande parte a base filosófica e cultural do património do Ocidente, tem
uma origem e uma natureza que não provêm das raças canaanitas. Esus ou Iesus era o deus dos celtas,
cujo símbolo era uma cruz, cuja profissão era a de carpinteiro e cujo sincretismo era Jesus Cristo, que, e
xatamente como ele, era conhecido por ser adorado em altares erigidos em seu nome através do ritual d
a liturgia. Deus foi o grande colonizador do seu povo e da sua própria raça, o fundador da civilização, poi
s um messias tem por objetivo essa missão salvadora e colonizadora. Cristo escolheu os seus discípulos
entre os uskos gauleses da Galileia, o seu país de origem, não contando nem palestinianos, nem hititas,
nem cananeus romanizados. É compreensível que Cristo tenha entendido os discípulos como companhei
ros e, portanto, seres capazes de alcançar ou mesmo de ter alcançado em algum momento o estatuto de
deuses, pois só assim os discípulos de um Deus alcançam a mestria. Um desses discípulos foi o Apóstol
o Tiago que veio para a Ibéria, depois do dia de Pentecostes, entrando por Cartagonova (Cartagena-Esp
anha), chegando à comarca de Santa Lúcia (terra natal deste escritor) vindo da Terra Santa.

O Apóstolo atravessou a Hispânia romana, de uma ponta à outra, chegando à terra dos Brigas (Milésios),
na Galiza, pregando a sua palavra e o seu nome, ao povo dos Eberitas ou Ibéricos; bem conhecidos por
eles desde os tempos mais remotos. Apelidado por Jesus Cristo, como Boanergues, que significa filho do
trovão, a quem também chamou como o mais puro da sua linhagem, Tiago Maior, era a mesma divindad
e proto-ibérica conhecida como Neton, Natan em eberita ou hebraico (que em ibérico significa o mais pur
o), o deus do relâmpago. Nasceu na Galileia e, como galaico ou gaulês, era de origem uska e celta, o qu
e implicava a divindade maior, o metadios Esus, que o chamaria como o mais puro da sua linhagem. A s
ua lenda de guerreiro e protetor dos ibéricos e milésios continuou a estar presente em numerosos mome
ntos da história, quando, por exemplo, se acreditou vê-lo montado num cavalo branco, brandindo uma es
pada que brilhava como um relâmpago, em Clavijo e noutras batalhas da Reconquista, bem como na col
onização da América. Trata-se, sem dúvida, do mesmo deus ibérico do trovão Netón, também conhecido
pelos irlandeses (milésios) como Net. Este deus ibérico foi venerado na Europa antiga e deu origem à litu
rgia druídica, às cerimónias de Nemeton e ao nome de várias cidades ibéricas, como Nemetobriga, capit
al do povo celtibero dos tiburanos. Os etruscos também adoravam Net ou Neton, e chamavam-lhe Nethu
ns, como o deus das fontes e da água.

A maior parte das tradições e da liturgia católicas provêm da cultura celta. Um desses costumes é celebr
ado de 31 de outubro a 1 de novembro, conhecido como Dia de Todos os Santos. As suas origens remon
tam ao Ano Novo celta, -Samhain-, na língua gaélica, que marcava o fim do verão ou da época das colhe
itas e o início do solstício de inverno. A personagem mitológica do Galo, conhecida por assustar as crianç
as pequenas que não dormiam, faz parte desta celebração. Este ser, comum na cultura celta da Penínsul
a Ibérica, era representado com uma abóbora furada, simbolizando os seus olhos e nariz. Isto porque era
costume as crianças escavarem abóboras no outono, perfurando-as com três buracos (olhos e boca) par
a lhes dar expressão. A semelhança da cabaça perfurada do coco com a casca de três buracos do coque
iro explica o nome que Vasco da Gama deu a este fruto.

Jesus Cristo não teve descendência, evitando deixar a sua semente para ser quebrada com a mistura do

s edomitas, mantendo a sua linhagem pura do princípio ao fim. A sua obra não foi uma revelação, mas u ma tentativa de purificar as crenças do seu povo, que tinham sido falsificadas pelos edomitas. Os "judeus ", ameaçados na sua posição dominante, apelaram ao julgamento de Deus e à sua execução pública. To das as versões que se conhecem deste facto atribuem a responsabilidade ao povo "judeu" e aos seus filh os, que tiveram a possibilidade de escolher e preferiram poupar a vida do assassino Barrabás à de Jesus . A responsabilidade de Roma pelo deicídio varia, sendo atribuída pelas escrituras a Pilatos, desde a coo peração até à exculpação total da morte de Cristo. No entanto, a autoria dos "judeus" é, em todos os cas os, um facto inegável.

Enquanto o "judeu" é a quintessência da mistura de linhagens, e um ponto de união entre o Oriente e o O cidente, onde o primeiro predomina mais, se quisermos observar isso mesmo no seu estado puro, temo-l o na Arábia. Olhando para os rostos dos actuais príncipes dos Emirados Árabes, vê-se o rosto do "judeu" edomita quase puro, a raça do deserto que condenou e assassinou Jesus.

A estela de Merenptah é uma representação simbólica do estado em que ficou o Reino de Israel após os cativeiros e as deportações.

Os príncipes estão prostrados, dizendo: "Tremei!

Ninguém levanta a cabeça ao longo dos Nove Arcos.

A Líbia está desolada, Hatti está pacificada,

Canaã é despojada de tudo o que era mau,

Ascalon é deportada, Gezer é tomada,

Yanoam parece como se nunca tivesse existido,

Ysyriar (Israel) está destruída e estéril, não tem descendência.

A Síria tornou-se viúva do Egipto.

Todas as terras estão unidas, estão pacificadas!"

O hieróglifo descreve um Israel derrubado, estéril e sem semente. Não se trata de uma expressão literal de que o reino foi deixado vazio e sem semente (grão). Esta interpretação grosseira deve ser corrigida, p ois é, surpreendentemente, a interpretação comummente aceite. A semente a que se refere é o próprio s angue antigo. A paz eterna é simbolizada como a morte do povo.

Durante o primeiro milénio a.C., dá-se uma explosão demográfica das raças árabes, ou seja, edomitas; já esclarecemos este conceito, em que a chamada raça "judaica" não é mais do que um cruzamento racial derivado do povo árabe. As raças nómadas do deserto deslocaram-se para os centros das grandes civiliz ações antigas, repovoando as velhas cidades, apropriando-se do legado e da cultura deixados pelos seu s antigos habitantes. Os povos derrotados, capturados e deportados (asiáticos), que já não conseguem c onter o avanço dos bárbaros do deserto, nem a sua própria extinção, um facto quase consumado, perde m toda a noção da sua origem matriarcal e étnica, logo, da sua memória racial. Os árabes "judeus" instal am-se agora em terras férteis, onde abundam os aquíferos e as terras aráveis, local ideal para abandona rem o seu nomadismo natural e aumentarem a sua população, deixando para trás a sua terra natal, onde cresciam como ervas daninhas e hienas do deserto, que, como agora, se alimentam de carniça apodreci da. Em Canaã, onde antigamente se instalaram uskos, juntam-se agora cada vez mais populações estra ngeiras, vindas dos antigos impérios caídos, onde já chegam em grande número. Não vêm dispersos em caravanas para o mercado, mas para povoar e estabelecer-se à volta do Levante mediterrânico, das mar gens do rio Jordão, do mar Morto, do mar da Galileia, da faixa de Dor, de Arados, etc. Já sem grandes im périos com os quais comerciar, durante milénios a influência e o poder do Egipto contiveram os povos ed

omitas no deserto, onde entraram em contacto com a civilização suméria. Com o Egipto cada vez mais c
oncentrado nas suas fronteiras, enfraquecido e vulnerável, sob o poder cuchita e persa, e com o Médio O
riente pouco estável e agitado, os edomitas estabeleceram-se em Canaã, centro do comércio mundial (lig
ado ao Egipto, Mesopotâmia, Pérsia e Mediterrâneo), e encontraram o local mais adequado para explora
r as suas capacidades mercantis. Com esta situação, o Mediterrâneo estava calmo, com uma certa estab
ilidade, um grande vazio de poder e culturas nascentes florescentes; um mundo, portanto, propício à ativi
dade comercial, que foi o motor de expansão que favoreceu a expansão dos edomitas fenícios através d
o mar.

Os fenícios adoravam deuses sumérios, isto é, uskos, como Dagon ou Dagan, pai dos deuses, ou o deus
do vento Hadad, nome acádico do deus uskariano Isku (deus usko-sumério), adoravam também deuses
egípcios e acrescentaram a sua própria marca mística, adicionando deuses da prostituição, como Paam,
ou aqueles a quem se ofereciam sacrifícios de crianças, como Moloch.

Foi através do comércio que estabeleceram novas colónias marítimas ao longo do Mediterrâneo, na Gréc
ia, Turquia, Itália, Líbia, Espanha, etc., formando uma grande talassocracia. A presença edomita em todo
o Mediterrâneo é já um facto evidente. Nunca possuíram uma cultura própria de relevo, mas dedicaram-
se a apropriar-se do legado cultural e artístico dos egípcios, gregos, etruscos, tartessos, etc., com o qual
favoreceram o interesse da sua atividade comercial.

O Êxodo é uma das partes da Torá que, embora adulterada e manipulada, é na sua essência uma lenda
completamente semita, proveniente do império acádio. Este último, como já foi explicado, foi o carrasco d
e Uskariah, e em grande parte a consequência das migrações maciças da raça do deserto para o Mediter
râneo. Também já foi explicado como grande parte da Torá são textos manipulados de lendas sumérias,
ou seja, a origem da vida espiritual e religiosa de Uskaria. Exemplos disso, como já foi mencionado, estã
o no Génesis (onde a tradição edomita de demonizar as mulheres, primeiro considerando-as como demó
nios e depois apagando diretamente do Pentateuco qualquer noção de Lilith, a primeira mulher de Adão).
Também o relato do grande dilúvio universal é de origem suméria, que Lara Peinado interpreta como um
a grande invasão racial destruidora; portanto, uma mistura ou interpretação deste último com a metáfora
das catástrofes próprias do contexto antigo.

Os sumérios, cuja sociedade é originalmente matriarcal, estão na origem do Génesis bíblico, mas com alt
erações substanciais que mostram a diferença e a passagem de uma cultura ocidental e pura (etnocrátic
a) para uma cultura mestiça e cananeia (patriarcal). O relato sumério do Génesis explica como uma deus
a - Ki- e não um deus - cria a deusa Nin-ti a partir das costelas de Enki. Os edomitas mudam o género e t
ransformam as mulheres que participaram na história original da criação (as matriarcas) em pecadoras e
demónios.

O livro Mesopotâmia, da professora Lara Peinado, interpreta o dilúvio original, ou seja, a lenda que teve o
rigem na tradição suméria ou usko-mediterrânica, em termos de invasão de estrangeiros, formulada sob
a lenda de uma catástrofe natural, típica da época e uma das grandes preocupações das civilizações anti
gas. Poder-se-ia acrescentar que o grande dilúvio é também uma metáfora da transição social do matriar
cado (humanidade primordial, fonte da criação e da fertilidade) para o patriarcado.

O texto sumério diz o seguinte:

-Ziusudra, de pé ao lado dele, ouviu.

"Mantém-te perto da muralha, à minha esquerda....;

Perto da muralha, dir-te-ei uma palavra, ouve a minha palavra;

Escuta as minhas instruções:

Por nossa..., um dilúvio vai inundar os centros de culto

Para destruir a semente da raça humana....

Esta é a decisão, o decreto da assembleia dos deuses.

Por ordem de An e Enlil....,

A sua realeza, a sua lei, será posta fim."

Todas as tempestades, de extraordinária violência,

foram desencadeadas ao mesmo tempo.

Num mesmo instante, o Dilúvio invadiu os centros de culto.

Quando, durante sete dias e sete noites,

o Dilúvio tinha varrido a terra,

e a enorme embarcação tinha sido lançada e atirada

pelas tempestades, sobre as águas,

Utu apareceu, aquele que distribui a luz

Para o céu e para a terra.

Ziusudra então abriu uma janela do seu enorme navio,

e Utu, o Herói, deixou os seus raios penetrarem

na gigantesca embarcação.

Ziusudra, o rei,

prostrou-se perante Utu;

O rei imolou um boi e sacrificou-lhe um carneiro.

O Êxodo é diferente no seu significado, natureza e consequências para a vida espiritual, histórica, cultural e religiosa cananeia. Em si mesmo, lança as bases não só de uma nova conceção religiosa (a mosaica), mas o facto fundacional de um povo (os edomitas), separado do resto dos canaanitas. Do mesmo modo, esta história edomita implica a configuração definitiva do elemento patriarcal (Moisés) como ponto de referência e autoridade familiar e religiosa.

O que a Torá, e consequentemente o Antigo Testamento, entende como escravidão egípcia ou rapto dos israelitas, não tem outra fonte histórica senão o facto da subjugação e posterior expulsão do povo hicso.

Assim explica o historiador judeu Flávio Josefo: "Durante o reinado de Tutmésimo, a ira de Deus caiu sobre nós e, de uma forma estranha, uma raça desconhecida de invasores, vinda das regiões orientais, lançou-se contra o nosso país, certa da vitória. Tendo derrotado os governantes do país, queimaram impiedosamente as nossas cidades. Por fim, escolheram como rei um dos seus, chamado Salitis, que colocou a sua capital em Mênfis, exigindo o tributo do Alto e do Baixo Egipto...".

Os hicsos eram um povo guerreiro permanente e, por isso, também relativamente miscigenado ou mestiç

o, embora da mesma origem que os povos hititas e ugaríticos, ou seja, antigos colonos usko-mediterrânic
os. Tal como os fenícios e o resto das populações de Canaã, sofreriam uma lenta e irreversível mestiçag
em com a raça do deserto na sua própria terra de origem, na Ásia, após o enfraquecimento e a queda de
finitiva da Suméria. Quando entraram no Egipto, os hicsos, provavelmente já em grande parte edomitas,
encontraram um império multiétnico governado por uma albocracia, onde grandes áreas a leste do Nilo já
eram habitadas por povos racialmente árabes. A impureza racial e o "edomitismo" dos hicsos foram refor
çados pelo contacto com os últimos povos cananeus, originados por sucessivas vagas de migração que
se tornariam imparáveis antes e durante a invasão dos hicsos. Durante um século, os hicsos invadiram e
dominaram o norte do império egípcio. O seu domínio militar deveu-se ao conhecimento, por parte do se
u exército, da tecnologia militar suméria e acadiana (potências opostas e militarmente avançadas), atravé
s da qual aprenderam a forjar metais para a guerra, machados, lanças, cotas de malha, etc. e também ca
rroçaria. O Egipto, por outro lado, não tinha cavalaria e utilizava exércitos ocasionais ou mercenários. Sa
be-se também que, quando os hicsos chegaram ao império egípcio, já possuíam elementos de carácter e
cultura semíticos; por exemplo, eram comerciantes prósperos, tal como os fenícios, os edomitas e, evide
ntemente, os comerciantes do deserto, de onde provinham estas sub-raças árabes.

No século XVI a.C., os faraós e as rainhas do Egipto conseguiram expulsar os hicsos após um século de
domínio, concluindo a sua retirada definitiva do Sinai no início do Novo Império. Nessa altura, os hicsos e
ram mais mercadores do que guerreiros, um povo mais edomita do que qualquer outra coisa, que durant
e o século da sua permanência e após a sua expulsão foi alvo de sucessivas e constantes vagas de migr
ação do deserto da Arábia. Durante este processo, perderam o seu estatuto e natureza de povos usko-m
editerrânicos, como os fenícios ou os sumérios, tornando-se edomitas. É este o último povo a que alude
o relato bíblico do Êxodo. Os faraós não queriam que acontecesse ao Egipto o mesmo que aconteceu a
Uskaria, à Fenícia ou a Hatti, depois de terem sofrido as vagas e invasões edomitas (isto é, o grande dilú
vio sumério). Por isso, não só organizaram a reconquista e a expulsão (fenómeno que se repete ao longo
da história, opondo uskos a semitas), como entraram na Ásia para conter essas migrações e evitar o col
apso egípcio, que já dava claros sinais de enfraquecimento e empobrecimento cultural e espiritual. Seria
Tutmés III (cujo semblante é o mais celta e menos edomita ou africano dos faraós), o chamado Faraó do
Êxodo, que conseguiria consolidar a expansão do Império Egípcio desde o Sinai até ao Alto Eufrates.

Nenhuma derrota dos egípcios às mãos do povo proto-judaico expulso (considerado como levita) existe o
u está documentada por qualquer fonte da época, muito menos a série de conquistas que a Bíblia relata
no Antigo Testamento desse mesmo povo judeu germinal sobre territórios sob domínio egípcio.

Os hinos dos Salmos contidos no Tanakh, escritos ou transcritos após o cativeiro, são, na sua essência,
uma cópia dos hinos babilónicos. Toda a história contada na Torá e na Bíblia (Antigo Testamento), no qu
e diz respeito à lenda mosaica, é uma invenção edomita, com a intenção de unificar religiosa e politicame
nte as tribos edomitas instaladas no Egipto e no Sinai, mais tarde expulsas pelo Egipto, que dariam orige
m ao povo "judeu". Moisés não existiu, nem evidentemente escreveu o Génesis ou o Levítico, pois obvia
mente ninguém pode narrar a sua própria morte. Tudo o que se escreveu sobre Moisés foi escrito muitos
séculos depois da sua falsa existência, pelo que não existem escritos egípcios contemporâneos ou próxi
mos da época em que o mito bíblico foi produzido que mencionem esta personagem. O seu nome nem s
equer vem do hebraico, mas do egípcio, significando o falso mito das águas.

A vida do próprio Moisés, nascido por volta de 1200 a.C., é uma invenção, pois ele nunca existiu no cont
exto e no tempo descritos nos textos mosaicos; ou seja, se ele tivesse existido, qualquer referência à sua
vida é uma mera lenda que acrescenta a mitologia acadiana. Trata-se, em parte, de um relato edomita d
a vida do rei acádio Sargão, nascido por volta de 2300 a.C., ou seja, mil anos antes:

"Eu sou Sargão, o rei poderoso, o rei de Akkad (fundada por Sargão). A minha mãe era uma alta sacerdo
tisa e eu não conheci o meu pai, Laibuum. Os irmãos do meu pai (os semitas) amavam as colinas (Amurr
u). A minha cidade é Azupiranu, nas margens do Eufrates. A minha mãe, uma grande sacerdotisa, conce
beu-me e deu-me à luz em segredo. Pôs-me num cesto de juncos e fechou as suas aberturas com peixe
s. Pôs-me no rio, que não se levantou contra mim. O rio levou-me até Akki, o bebedor de água. Akki, o b
ebedor de água, puxou-me para fora enquanto mergulhava o seu balde no rio. Akki, o cuspidor de água,

adoptou-me como seu filho e criou-me. Akki, o carregador de água, nomeou-me seu jardineiro. Enquanto eu era jardineiro, Ishtar concedeu-me o seu amor (Ishtar, a Inanna suméria, ama os jardineiros, como refere o Poema de Gilgamesh VI 64). E eu mantive a realeza durante cinquenta e seis anos. Governei e governei o povo dos cabeças negras. Com machados de bronze, conquistei montanhas poderosas, escalei as cordilheiras superiores, atravessei as cordilheiras inferiores até ao Líbano e ao Touro, incluindo Mari, no norte, e Elam, no sul. Três vezes atravessei os países para lá do Mar de Chipre, o Golfo Pérsico. A minha mão conquistou Dilmun (o Éden sumério). Subi a Der, a Magna, e conquistei-a. Destruí Kazallu, a oeste de Kish. Qualquer rei que me suceda, se quiser ser igual a mim, que dirija os seus passos onde eu dirigi os meus. Que governe o povo dos cabeças negras, que conquiste montanhas poderosas com machados de bronze, que suba as cordilheiras superiores, que atravesse as cordilheiras inferiores, que atravesse três vezes os países de além-mar, que a sua mão conquiste Dilmun, que suba a Der, a Magna, e a conquiste".

Sobre o seu nascimento, as tábuas dizem o seguinte:

"A minha mãe era uma grande sacerdotisa. O meu pai nunca o conheci. Os irmãos do meu pai acamparam nas montanhas. A minha cidade é Azupi Ranu, que está situada nas margens do Eufrates. A minha mãe, a grande sacerdotisa, concebeu-me e trouxe-me ao mundo em segredo. Pôs-me num cesto de juncos, cujas fendas cobriu com betume. Atirou-me ao rio sem que eu pudesse sair do cesto. O rio arrastou-me e levou-me para a casa de Aqqi, o carregador de água. Aqqi, o carregador de água, mergulhou o seu balde e tirou-me da água. Aqqi, o carregador de água, adoptou-me como seu filho e criou-me. Aqqi, o carregador de água, ensinou-me o seu ofício de jardineiro. Quando eu era jardineiro, a deusa Istar apaixonou-se por mim e, assim, tornei-me realeza durante setenta anos".

A história mosaica:

"Um homem da casa de Levi casou-se com uma mulher da sua tribo. A mulher concebeu e deu à luz um filho. E, vendo que ele era belo, escondeu-o durante três meses. Mas não podendo escondê-lo por mais tempo, pegou num cesto de papiro, calafetou-o com betume e peixe, meteu nele o menino e deitou-o entre os juncos junto ao rio. Entretanto, a irmã do menino ficou à distância para ver o que se passava. A filha do Faraó desceu para se banhar no rio e, enquanto as suas criadas passeavam pela margem, viu o cesto entre os juncos e mandou uma criada trazer-lho. Quando a abriu, viu que era uma criança que chorava. Teve pena dele e exclamou: "É um menino hebreu. Então a irmã disse à filha do Faraó: "Queres que eu vá procurar uma das hebreias para amamentar o menino? Vai", respondeu-lhe a filha do Faraó. A filha do Faraó respondeu-lhe: "Vai, e ela foi chamar a mãe do menino. A filha do Faraó disse-lhe: "Toma este menino e amamenta-o para mim, e eu te pagarei. Então a mulher pegou no menino e criou-o. O menino cresceu e ela levou-o à filha do Faraó, que o tratou como se fosse seu filho e lhe pôs o nome de Moisés, dizendo: "Eu o fiz subir das águas."

Tanto Sargon como Moisés dão à luz em segredo, são colocados num cesto de juncos, selados com betume e deixados no rio. Ambos são encontrados, retirados do cesto e adoptados. Posteriormente, são conquistadores, líderes espirituais e reis patriarcais do seu povo.

O êxodo de quatrocentos e quarenta e quatro anos descrito por Moisés baseia-se no êxodo do povo Gaedel do Egipto para Espanha. Este êxodo foi efectuado pelos Milésios, descendentes do Breogão ibérico, antepassado do povo goélico. Sabe-se que chegaram à Cítia e que, a certa altura, tiveram de deixar este reino em direção ao Egipto. Aí se estabeleceram e uniram-se à oligarquia egípcia, cujos antepassados eram também ibéricos ou celtas.

Goidel (Miles em Espanha), no terror das pragas do Egipto e após a invasão dos etíopes, decidiu exilar-se com o seu povo e regressar à sua terra natal na Ibéria, trazendo consigo a pedra de Jacob. A autêntica história do Êxodo da odisseia gaélica a partir da Ibéria é contada no Lebor Gabála, um texto da Idade Média, que retoma lendas e contos irlandeses e escoceses, geralmente orais, com milhares de anos. Os mitos e lendas da antiga Suméria e da origem dos autênticos povos hebreus estão de tal forma poluídos e adulterados pelas mãos do judaísmo e do edomita, que os tornaram seus, que é impossível recuperar o

mais pequeno relato original, para além dos que foram analisados a partir dos próprios vestígios sumério
s. A vida de Abraão, e a sua linhagem, não é certamente conhecida, apenas conhecemos o mito de um p
atriarca, um dos possíveis fundadores do Reino de Israel, cujo nome e origem nos recorda, apesar da ob
ra do judaísmo, a sua remota origem ibérica e uskara. Encontraremos provavelmente na mitologia celta,
e na história do Lebor Gabála ou das invasões da Irlanda, onde provavelmente encontraremos que o cha
mado Miles ou Golam, seria a história mitificada e ao mesmo tempo provavelmente a mais realista que te
mos hoje sobre a vida do patriarca Abraão, e a história final do regresso dos hebreus à sua terra de orige
m, o Atlântico Atlante.

O pacto abraâmico mencionado por Moisés é retirado do ritual usko dos héros, cuja origem é ibérica. Est
e era realizado com o sacrifício do carneiro macho (ao qual se juntaram outros animais, segundo a tradiç
ão bíblica), que era sangrado num ritual doméstico ao deus pai ou progenitor (Dis Pater). O ato de sacrifí
cio realizava-se na própria casa, sobre um altar, com elementos sagrados como a falcata ou faca, eleme
ntos ornamentais e simbólicos como os morillos e um orifício onde se vertia o sangue. Alguns morillos or
namentais com a cabeça do carneiro eram típicos das culturas celta e ibérica e aparecem mesmo na cult
ura babilónica (a cabeça do carneiro de ouro) e egípcia.

A autoria deste ato ritual é atribuída ao próprio Abraão, mas era uma tradição bem estabelecida na Sumé
ria desde a sua origem, pelo que era anterior à menção do patriarca. Este ritual do sacrifício do macho, n
arrado no Antigo Testamento, era comum nas culturas celtas e ibéricas ocidentais, de modo que os seus
povos (gauleses, ibero-celtas, irlandeses, ligurianos, etruscos, etc.) o praticavam desde a antiguidade em
honra do héros oikistés, ou seja, o fundador do povo ou antepassado. Este antepassado era um ser sem
i-divino encarregado da proteção do povo, formado pelos seus descendentes, que, com o tempo, seria tr
anscendido até Deus pai. As culturas usko-mediterrânicas, da Grécia à Índia, também praticaram este rit
ual desde a Idade do Ferro, por colónias uskas. Na Grécia, o voto sagrado ou ritual aos oikistés é uma tr
adição que tem a sua origem nos povos Pelasgiano e Helenístico, oferecendo o sacrifício ao fundador da
linhagem ou etnia. Este primeiro fundador ou antepassado era representado pelo fogo da lareira, que si
mbolizava a realeza da lareira. Havia, portanto, dois elementos rituais, o sangue (elemento sacramental o
u símbolo racial) e o fogo (majestade ou símbolo do nascimento). Em Roma, os seus héros oikistés ou a
ntepassados fundadores (Rómulo e Remo), nasceram do fogo, tal como o deus etrusco Marte, ou o deus
Agni, no ritual do Rigveda na Índia. O pacto abraâmico é uma lenda criada pelo judaísmo e retirada da tr
adição do ritual do héros antepassado ou fundador, sob a fórmula de um juramento sagrado de proteção.
Mais especificamente, seria um antigo mito sumério surgido na época da decadência, quando Uskaria e
stava sendo devorada por povos estrangeiros (fato mitificado no grande dilúvio sumério), no qual o héros
criador da linhagem é considerado um verdadeiro deus, convertido em divindade protetora do grupo étnic
o, de onde viria a profecia messiânica da reencarnação terrena do deus fundador, renascido do sangue d
e seu povo (o remanescente).

A escassa menção dos "judeus" pelos historiadores da Antiguidade, e mais especificamente pelos grego
s (um povo mais próximo do mundo asiático), ajudou a tornar possível a sua reinvenção. Tudo o que foi e
scrito sobre o judaísmo na Antiguidade é isento de discrepâncias ou contradições, como a narrativa de u
m romance, escrito por um único autor, sem comentários à margem ou ao pé, sem opiniões, descrições o
u testemunhos reais sobre os factos. Não há nenhum testemunho, nenhum historiador estrangeiro da ant
iguidade que mencione a história inventada deste povo. Os historiadores da antiguidade que se ocupara
m das origens dos povos mais famosos e remotos da história estiveram em constante contradição e diss
ensão. Isso aconteceu com todas as maiores e mais conhecidas civilizações, aconteceu no Egipto, na Gr
écia, em Roma, etc. Isso não acontece com os profetas "judeus", porque não se trata de história, mas de
profecia, eles não têm história e baseiam-se nas lendas dos outros. Parece, no entanto, que eles poderia
m ter a modéstia, ou pelo menos não ter o descaramento necessário para lhe chamar história, eles não t
êm a mínima, e têm ainda mais, chamam-lhe Sagrada Escritura. O que não é história é fábula, e por mito
entendemos aquilo que, não faltando à verdade, compensa a ignorância do incerto com elementos fabul
osos, criados, inventados ou tirados da lenda. No entanto, há uma forma de converter o falso mito em his
tória inventada, que é trazendo o testemunho do próprio Deus, convertendo o falso em sagrado e, portant
o, em credível, acabando por sustentar tudo na força da fé e da convicção.

Muitas das tradições, mitos e lendas sumérias retomadas pelo judaísmo sobre a sua origem, história e religião, aparecem também na memória dos povos ibéricos pré-romanos. Assim, por exemplo, o Génesis, o Grande Dilúvio ou os deuses que viriam a fazer parte do cristianismo, como o deus proto-europeu Dieu, ou Zeus para os gregos.

Neste ponto da análise, seria interessante tentar esclarecer onde começou a ocorrer a mudança e a transformação do asiático para o edomita e, portanto, a passagem do israelismo para o judaísmo, e, em seguida, especificar qual foi o conteúdo desse processo e no que ele resultou. Já vimos o ponto de partida e as consequências irreversíveis para a história de dois acontecimentos de importância vital: a queda da Suméria e o subsequente cativeiro da população israelita e, em segundo lugar, as sucessivas vagas afro-asiáticas que encheram o Egipto faraónico. Outro acontecimento transcendental foi o advento do império de Alexandre Magno que, em vez de travar ou dissuadir definitivamente a pressão asiática sobre o Mediterrâneo e a Europa, serviu de estímulo, tal como o fariam mais tarde os impérios romano e bizantino (este último totalmente oriental). Como Apion e outros autores já salientaram, os "judeus" não têm outra história senão a inventada no Egipto por um grupo de leprosos expulsos do Nilo Ocidental. Todos os autores concordam que eles não eram indígenas, e de modo algum o povo mais antigo a habitar as regiões que povoaram no norte da Arábia. O conteúdo deste processo já o assinalámos quando nos referimos aos mitos, lendas e história dos povos sumérios, nos quais os "judeus" basearam a sua, elevando-a ao mesmo tempo ao estatuto de história sagrada do povo eleito de Deus. Procurando o momento em que o processo foi notavelmente visível e irreversível, deparamo-nos com um autor da história do "judaísmo", Flávio Josefo. Na sua obra Contra Apião, ele mostra-se como o único autor do judaísmo antigo a não utilizar a linguagem bíblica e profética, tentando analisar a história à maneira grega, de um ponto de vista erudito e analítico. No entanto, a sua verdadeira intenção é logo revelada, quando menciona os outros historiadores gregos para questionar a validade dos seus tratados, salientando as suas contradições e dissensões.

Outro facto é o interesse do autor em realçar a autenticidade dos "judeus", sublinhando o grande interesse dos sacerdotes em autorizar casamentos de comprovada pureza racial. Não existe sequer uma lista de sumos sacerdotes, embora se saiba que existiram na Suméria e que, neste caso, o casamento era observado nas mesmas condições de pureza de sangue. Esta tradição espalhou-se por Israel, e sabe-se que era seguida especificamente pelos juízes ou sacerdotes das tribos. Não são estes os sacerdotes a que se refere o sábio historiador, mas os fundadores do judaísmo, dando aqui um dos primeiros testemunhos escritos da confusão do israelismo asiático com o edomitismo "judaico". O termo povo judeu é cunhado pelo autor para se referir a um grupo étnico, associando os termos história, raça e religião num único conceito, o judaísmo. Os sacerdotes a que Josefo se refere são definitivamente a aristocracia sacerdotal, que, forçada ao exílio e semi-mistificada, regressa sem qualquer intenção de perder o mínimo de poder que os seus antepassados detinham. No entanto, estes descendentes estavam muito longe dos seus antepassados asiáticos em termos de sangue estrangeiro. O autor rende-se finalmente à evidência palpável de se deixar descobrir, quando regressa sistematicamente aos textos ditos sagrados, sabendo da dificuldade de acompanhar a sua obra de outra coisa que não o misticismo judaico. Não há exemplos de Josefo na cultura grega, egípcia ou romana, nenhuma das quais contém autores que, tentando inutilmente afastar-se do misticismo, circunscrevem o objetivo último das suas obras na base da justificação da sua própria história e origem, em suma, provando a sua existência real, criticando os grandes historiadores da Antiguidade.

Nem os gregos, nem os egípcios, nem os etruscos, etc., tiveram de justificar nada do que presidiu à sua própria existência como povo, pois nunca houve quem a questionasse. A era de Jesus Cristo é o ponto de não retorno e, em essência, o momento culminante do desaparecimento dos hebreus ou asiáticos originais, ou seja, dos uskos, das regiões do Levante e da Jónia, definitivamente. A verdadeira e importante mensagem que o nosso Evangelho não esclareceu, como testemunho vivo da figura de Jesus Cristo, no tempo do farisaísmo e dos edomitas, é no fundo - eu não sou judeu, a minha raça não é a do povo do deserto. O ponto de partida deste processo, que culmina em Judá, é portanto a destruição do Templo de Jerusalém e o cativeiro que se lhe seguiu. Desde então, até ao advento do Senhor, subsistirão bolsas isoladas ou remanescentes de pequenas famílias ancestrais hebraicas ou uskanianas, cujo destino estará inevitavelmente ligado ao dos seus antigos parentes, os de Uskariah.

Um facto pouco conhecido é que a invenção do alfabeto hebraico foi demonstrada, e foram feitas tentativas, bastante grosseiras, de o relacionar com o cananeu ou o aramaico. Não existem nem nunca existiram diásseis ou famílias hebraicas, o cananeu e o aramaico não fazem parte nem deram origem ao hebraico moderno como línguas proto-hebraicas, tal como o usko-mediterrânico ou o aquitano deram origem às línguas celtas ou etruscas. Se quisermos encontrar a escrita mais antiga em hebraico, é o mito do Antigo Testamento, do falso Antigo Testamento. O hebraico é, portanto, uma construção artificial e recente, desprovida de origem e vinda do mais absoluto nada, construída mil anos depois de Jesus Cristo, a partir da língua aramaica. O Tárgum, ou interpretação da Bíblia, foi realizado do original aramaico imperial para o hebraico moderno, e foi nesse momento que se gestou definitivamente a construção histórica do judaísmo místico. O hebraico foi uma invenção que partiu da mistura das línguas fenícia, cananéia e aramaica, mil anos depois de Cristo, deixando como primeiro testemunho de seu aparecimento a Bíblia medieval. Nessa altura, surgiram dois estilos, influenciados pelas línguas locais em que se instalaram as comunidades "judaicas" mais importantes da Europa. O hebraico não era, portanto, uma língua semítica original. Uma variante era o sefardita (Espanha e Portugal), e a outra era o asquenazita, nos países da Europa Central, misturado com línguas germânicas e eslavas. A esta língua inventada foi dado o nome de hebraico, selando a origem do Reino de Israel com a fábula mista do misticismo edomita.

O transcendentalismo judaico provém do próprio deserto da Ásia, onde nasceu a sua raça, caracterizada pela mentalidade zoroastriana asiática. A dogmática judaica posterior parece matizar e dar maior espiritualidade ao judaísmo, adoptando elementos mediterrânicos, principalmente egípcios. Com este contributo, o judaísmo passou a acreditar em algo que não conhecia nem sabia explicar, a alma e um mundo superior (adapta o Livro dos Mortos). Um dos autores mais representativos desta dogmática espiritualista judaica heterodoxa é o sefardita Maimónides.

O próprio nome da Bíblia, o texto sagrado do povo eberita ou hebreu (ibri, segundo a Bíblia, ou seja, ibérico), vem da cidade celtibera de Bílbilis, situada no rio Jalón, afluente do Ebro (rio dos eberitas), e que foi assimilada pelos gregos, através da palavra biblía de origem usko-mediterrânica. Esta cidade de Bílbilis situa-se perto do monte Caunus (branco), o mais alto e sagrado dos montes Idubídeos (montes Doca), cujo nome provém dos vinte e sete reis da Ibéria, descendentes de Tubal.

O esforço filosófico, teológico e histórico necessário para reinterpretar os textos falsificados do Antigo Testamento, bem como do Evangelho, é tão imenso, que quase ler a Bíblia é mais confuso do que qualquer outra coisa, e só conhecendo a verdade histórica e religiosa em que se baseia o verdadeiro povo hebreu, é que essa leitura faz sentido do ponto de vista histórico.

O processo de falsificação histórica perpetrado pelo proto-judaísmo consistiu não só na personificação do povo que tinham contaminado com o seu sangue ao ponto de o tornarem indistinguível da raça do deserto, mas também na adaptação e formação da sua própria versão dos acontecimentos, relatos históricos, mitológicos e religiosos dos povos asiáticos ou usko-mediterrânicos.

Isto conduziu não só à fraude e à distorção do passado e das origens desses povos que não deixaram qualquer testemunho vivo da sua cultura e natureza, mas também a um acontecimento com profundas consequências para a história do Ocidente, uma vez que é a única cultura que não tem religião própria. Esta é a consequência da existência no cristianismo de teologia, filosofia, dogmática, apologética cristã ou mesmo confissões protestantes, ao contrário das religiões abraâmicas. O Ocidente teve de reconfigurar uma religião semi-mistificada e inundada de elementos asiáticos, uma vez que as suas religiões lhe foram retiradas, e inculcar-lhe os valores e princípios da mentalidade ocidental.

Um autor importante que conhecia a história hebraica, de várias fontes judaicas, foi Paulo de Tarso, cuja vida foi originalmente semelhante à de Inácio de Loyola, que sempre se descreveu como hebreu, não como judeu, e que é também quem melhor ilustra os conceitos acima descritos. Teólogos e historiadores consideraram-no judeu, com as consequências religiosas, culturais e raciais daí decorrentes. No entanto, nunca falou uma língua "semita", nem nasceu no reino de Judá. É assim que S. Paulo se exprime em Coríntios_ "19 Por isso, sendo livre de todos, fiz-me servo de todos, para ganhar o maior número. 20 Fiz-me aos judeus como judeu, para ganhar os judeus; aos que estão sujeitos à lei (embora eu não esteja sujeito

à lei) como sujeito à lei, para ganhar os que estão sujeitos à lei; 21 aos que estão sem lei, como se eu e
stivesse sem lei (não estando sem lei de Deus, mas sob a lei de Cristo), para ganhar os que estão sem le
i".
O apóstolo é considerado um não judeu cuja aproximação ao mundo judaico mostrava a sua intenção de angariar o seu apoio no coração de Jerusalém para a causa cristã, ou pelo menos uma parte importante dela, reforçando assim as comunidades hebraicas noutros lugares e dando ao cristianismo um centro de poder na capital do reino, o que acabou por não se concretizar, e que confirmou a predição de Jesus do estabelecimento definitivo da sua Igreja em Roma e não em Jerusalém. A partir da Conferência Apostólic
a de 50 d.C., reconhece-se a impossibilidade de atuar no mundo e a mentalidade asiática dos judeus, e d
etermina-se uma mudança tanto na forma como no conteúdo dogmático e litúrgico, bem como uma virag
em para um esforço evangélico centrado nos gentios, sobretudo por instigação de Paulo.

Parece que Paulo de Tarso deve ter sabido ou sido instruído sobre a sua origem e o seu sangue, apesar de viver no contexto do início da grande mentira judaica e da falsificação de um povo. Dos seus relatos, d
epreendemos a preocupação e o interesse especial que o autor derrama no Novo Testamento pela quest
ão racial e pela sobrevivência do seu povo.
A consideração da quebra de uma aliança remota, através da qual surge a mistura do edomita com o heb
reu e, consequentemente, a contaminação do sagrado juramento de sangue:
Gálatas 4 (22-23)
"Porque está escrito que Abraão teve dois filhos: um da escrava, outro da livre."
"Mas o da escrava nasceu segundo a carne; mas o da livre, por promessa."
O exemplo revela a própria origem do judaísmo como uma nova entidade originada em consequência da união do sangue, da mistura, e consagra como aliança ou promessa (origem do casamento), confirmand
o esse elemento sacramental, na descendência gestada na união de elementos semelhantes, ou seja, liv
res, da mesma raça. O casamento ou promessa, que aqui na sua origem se baseia na aliança de sangue
.
Embora Paulo seja considerado benjamita, a sua família era originária de Gischala (Galileia), pelo que é provável que também tivesse antepassados galileus, ou seja, gálicos ou celtas, como os outros apóstolos
. Em todo o caso, é muito provável que Paulo de Tarso fosse descendente dos hebreus das Dez Tribos o
u Casa de Israel, portanto daqueles povos que se dispersaram pela Cítia, Galácia, Assíria, etc., chamado
s ibri, ou seja, ibéricos. Em suma, não há dúvida de que, apesar de ter sido chamado e educado por jude
us, e de falar em termos de conversão, aludindo à sua anterior fé judaica, o seu sangue era fundamental
mente hebraico, uma vez que a sua família não tinha qualquer ligação com Judá, então fortemente edomi
ta, nem com os fariseus. Em Paulo, há uma forte contradição: por um lado, ele vive no contexto do estab
elecimento do Sinédrio e da consolidação dos judeus como instituição religiosa e cultural e, por outro, de
sencadeia o maior cisma da religião abraâmica. O judaísmo, ainda incipiente como fenómeno cultural, co
meça a consolidar-se como entidade própria, principalmente através das Sagradas Escrituras. Paulo con
sidera-se hebreu e, como o resto das comunidades hebraicas que ainda se conservam, não entende o q
ue é um cananeu, o seu carácter, a sua cultura, a sua língua e o seu pensamento não são judaicos, no e
ntanto, como outros do seu tempo, incluindo os Apóstolos, vê no povo judeu, o único referente vivo da su
a remota nação de onde foram expulsos os seus antepassados. Ou seja, o "judeu" era mais edomita do q
ue qualquer outra coisa, mas havia comunidades hebraicas ainda preservadas em áreas mais remotas d
o antigo Israel e Judá. Para além das comunidades gálatas, havia zonas rurais habitadas principalmente por hebreus, não fariseus ou edomitas. Fariseu é a designação do povo hebreu após o seu regresso do c
ativeiro, ou seja, daqueles que eram edomitas no sangue, na cultura e nos costumes, e que os trouxeram consigo para Judá. Neste local, estas comunidades farisaicas, não que tenham perdido a sua semitizaçã
o, mas antes a aumentaram consideravelmente, pois para esta região vieram não só os antigos descend
entes dos hebreus, mas também densas comunidades de edomitas de todos os cantos da Arábia e do E
gipto. Estes últimos tinham vindo a adquirir e a desenvolver crenças míticas de povos antigos, principalm
ente dos sumérios, que eram racial e culturalmente aparentados com os hebreus, e que também lhes em
prestaram numerosos elementos religiosos. No entanto, modificaram e adulteraram todos esses mitos an
cestrais e reinventaram a sua história, para ocuparem o poder legítimo deixado por esses povos de Israel
, cuja existência já era abruptamente minoritária. O fariseu encontrar-se-ia no que viria a ser o ponto de n
ão retorno em que acabaria o hebreu e começaria o "judeu".

Dos fariseus proto-judeus nasceu logo o judeu do Sinédrio, que se autoproclamou etnarca do suposto povo hebreu, regressado do cativeiro, restaurando assim o reino desaparecido de Zedequias. Estes pretensos etnarcas e sumos pontífices do povo "judeu", centraram e consolidaram o poder em torno do Sinédrio, declarando guerra a qualquer seita judaica que contrariasse os seus dogmas, incluindo os fariseus ou os antigos judeus. Os etnarcas "judeus" distinguiram-se por terem uma reputação tão desprezível como a dos piores tiranos e seres humanos da história, nomeadamente Aristóbulo. Tal como Maomé fez ao espalhar a sua religião com sangue e faca por toda a Arábia, assim fizeram os reis dos "judeus", com os do seu próprio povo e dos seus arredores, até consolidarem uma fé e um poder tão uniformes e centrados quanto possível.

A lei sagrada da raça do deserto, que era a "raça" edomita original, proibia o seu povo de semear trigo, plantar legumes ou erguer casas, muros, etc., a fim de manter a sua natureza nómada e transumante. Esta lei primitiva foi gradualmente esquecida à medida que os vários ramos do deserto se estabeleceram nas vilas e cidades de outros povos com os quais mantinham relações comerciais. Os nabateus, por exemplo, antes de estabelecerem a polis comercial, sob a supremacia de Petra, baseavam-se nesta lei nómada que os impedia de formar cidades e fortificações e os mantinha em constante marcha. Dissemos que a contradição de pensamento era profunda e crescente na sociedade em que viviam os apóstolos. Paulo de Tarso foi o exemplo mais notável, pois era culturalmente semi-mistificado, aproximou-se de bom grado do judaísmo, no qual foi educado, viveu a sociedade de uma Jerusalém, que era a terra dos seus antepassados, mas aceitou gradualmente a sua conversão a um pensamento totalmente diferente do dos judeus, cujo ponto culminante se encontra no Concílio de Jerusalém. Este acontecimento reveste-se de uma importância transcendental, pois representa não só a consumação de uma conversão, mas diretamente a apostasia da fé e do modo de pensar judaico. Em suma, uma declaração de independência e de oposição total àquilo que muitos entendiam ser a sua fé e a sua pátria cultural. Apesar da confusão que a história fez através de usurpações e manipulações místicas da verdade dos hebreus asiáticos, a verdade é que tanto Paulo de Tarso como o resto do seu povo ainda se consideravam hebreus, acima de tudo, e achavam o judaísmo estranho, mais culturalmente do que religiosamente, mas ainda assim o suficiente para desencadear o cisma abraâmico.

Numa passagem de Mateus, a da mulher cananeia, é-nos mostrado como o próprio Jesus responde à estrangeira que ele só é enviado às ovelhas da casa de Israel;
"21 E Jesus, saindo dali, foi para a região de Tiro e Sidónia.
22 E eis que uma mulher cananeia, que tinha saído daquela região, lhe gritou, dizendo: "Senhor, Filho de David, tem piedade de mim! A minha filha está muito atormentada por um demónio.
23 Mas Jesus não lhe respondeu uma palavra. Chegaram então os seus discípulos e rogaram-lhe, dizendo: "Manda-a embora, porque ela grita atrás de nós.
24 Ele, porém, respondeu: "Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel".

No aspeto cultural, o cisma provocado pelos hebreus asiáticos, mais do que a dissociação do fenómeno judaico, no que diz respeito aos aspectos culturais, significou, por um lado, o desprezo total da nova religião cristã por tudo o que se desenvolvia em Jerusalém e, por outro lado, a ligação inseparável do novo cristianismo à cultura ocidental, representada no mundo grego e romano. Isto levou o fenómeno cristão a ligar-se definitivamente à cultura ocidental, em vez de continuar a ser apenas mais uma corrente do "semitismo" judaico.

Outra questão é determinar a influência de Cristo, sua própria natureza e o que, em essência, era sua verdadeira declaração. Em primeiro lugar, a influência da personalidade de Jesus sobre os apóstolos e outras comunidades do seu tempo não foi decisiva, embora tenha sido de grande alcance e poderosa, ao provocar o que viria a ser um cisma no seio do judaísmo. Nessa altura, os termos hebreu e judeu confundiam-se, um e outro eram considerados a mesma coisa, e o segundo prevalecia sobre a política, a religião e a cultura, reivindicando a cátedra e o magistério do mundo hebraico, com base no Sinédrio. No entanto, como já explicámos, este magistério não é hebraico, a sua "raça" é judaica, ou seja, uma mistura de povos semitas, hebreus asiáticos e indianos. Com o passar do tempo, foram mais os primeiros do que os segundos, de modo que, consequentemente, "semita" acabou por ser também sinónimo de hebreu e judeu.

As famílias hebraicas, que se encontravam em regiões fortemente influenciadas pela cultura e pelo mund
o helénico, sobretudo na Anatólia, não conservaram a sua cultura original, mas também não se "semitiza
ram", tendo assumido a cultura e a língua gregas. Este facto fez com que a comunidade hebraica da Gal
ácia e de outras zonas da mesma região fosse helenizada e preservada do "semitismo", pelo que a sua c
ultura e mentalidade representavam uma fronteira em relação ao judaísmo. Enquanto o Sinédrio conquist
ava o coração de Jerusalém e se afirmava como o legítimo poder religioso e cultural, o resto das famílias
helenizadas dispersas, que não eram "semitas", puderam durante algum tempo convencer-se de que o ju
daísmo era a própria essência e origem do mundo hebraico. No entanto, foi precisamente devido à sua p
roximidade com a cultura grega e, mais tarde, romana, que estes povos helenizados puderam ter acesso
aos mais antigos e importantes anais do mundo antigo. Este facto foi capaz de formar um sentimento de
unidade em torno das famílias hebraicas asiáticas, ao ponto de estas se considerarem uma nação ou um
povo distinto do judaísmo farisaico, apesar dos seus elementos históricos comuns. A dada altura, os heb
reus tiveram de se aperceber, ainda que desvanecidos na sua memória e na sua história, que o pensame
nto e a natureza que, por um lado, os aproximava tanto do mundo grego, era bem diferente daquele que
era concebido na nova Judá, e que os distanciava dela de uma forma intransponível. Outras famílias heb
raicas, sobretudo nas zonas essencialmente rurais do antigo reino de Israel e da Galileia, conservaram m
uito da cultura e da herança ancestral dos seus antepassados, constituindo um elo permanente com as p
opulações gálatas. Estes hebreus de Israel falavam uma língua que teve origem na base do alfabeto fení
cio, que originalmente estava intimamente relacionado com o ibérico, bem como com o etrusco e o celta,
e que fazia parte das línguas usko-mediterrânicas. Do mesmo modo, o hebraico e o aramaico foram form
ados a partir das línguas uskan da antiga Fenícia e dos povos ugarítico e hurriano. A "semitização" desta
língua e a sua difusão noutras regiões fora de Israel podem ter apagado a sua origem filológica original e
a sua classificação familiar. Foi neste mundo cultural que Jesus Cristo nasceu e cresceu, fortemente infl
uenciado, tal como os restantes apóstolos, pela cultura gálata.

Este facto é de grande importância para compreender a origem do próprio cristianismo e para nos interro
garmos sobre a importância da figura de Cristo neste fenómeno religioso e cultural. O cristianismo deve s
er entendido, em primeiro lugar, não só como um mero acontecimento ou pensamento religioso, mas tam
bém como tendo-se desenvolvido numa multiplicidade de aspectos culturais e sociais de importância tran
scendental. Relativamente à responsabilidade de Cristo nos acontecimentos que iniciaram a rutura definit
iva dos asiáticos (hebreus) com o Sinédrio e o judaísmo, pode dizer-se que, embora tenha sido de vital i
mportância em termos de desencadeamento e sucessão de acontecimentos, a verdade é que não foi dec
isiva em termos de mudanças sociais e no modo de pensar das comunidades hebraicas, que, fora dos dit
ames do Sinédrio, começavam a fazer-se sentir dentro e fora da Judeia. É o que se depreende da cresce
nte preocupação das autoridades religiosas judaicas com estas comunidades rurais, estreitamente relaci
onadas com a Galácia e com o ambiente cultural grego, mesmo antes do tempo de Cristo. A figura de Cri
sto produziu uma importante aceleração dos acontecimentos que teriam lugar durante a sua curta vida, d
ando origem ao cristianismo, que encontrou uma comunidade de prosélitos mais do que permeável nas c
omunidades hebraicas asiáticas. Por outro lado, tanto Paulo de Tarso como outros discípulos do cristiani
smo primitivo centraram os seus esforços de proselitismo nos gentios, e não naqueles que, em teoria, er
am seus conterrâneos, os "judeus". Isto aconteceu não só porque encontraram nos primeiros uma maior
aceitação e semelhança de pensamento, mas também porque encontraram neles uma união pré-estabel
ecida no campo cultural, e uma semelhança em termos de formação ideológica e filosófica, mais ligada à
mentalidade helénica. Este último aspecto concebe não apenas uma ligação resultante de relações histó
ricas, mas algo muito mais íntimo, que afecta as ideias e o pensamento, em suma, a forma de ver o mun
do, as crenças e a sociedade, evidenciando assim uma união entre hebreus e gentios com base no sang
ue ou na raça. Daqui podemos concluir que o cristianismo teve origem numa atitude de luta contra o outr
o elemento que se impunha ao que restava da mentalidade e das formas de entender o mundo nas últim
as comunidades hebraicas, ou seja, o judaísmo edomita. Uma luta, portanto, entre o Oriente e o Ocident
e.

Uma questão que ninguém colocou, e que poderia ser levantada neste momento, é a de saber se o cristi
anismo, enquanto fenómeno religioso e cultural, teria realmente surgido mesmo que Cristo não tivesse ex
istido. Partindo da importância óbvia da forte figura pessoal e histórica de Jesus para os princípios filosófi

cos e religiosos do Ocidente, é certo que uma parte importante desses princípios já se encontrava plasm
ada no berço da filosofia ocidental, no classicismo grego. A mentalidade filosófica com que o cristianismo
nasceu não se baseia no próprio Jesus Cristo, mas provém da dialética e de outros princípios da filosofia
platónica e estoica, do direito natural, do antropocentrismo, de elementos do civismo e humanismo helén
icos como a paideia, da ética helenístico-romana, da arete aristotélica, da maiêutica socrática, e de outro
s elementos místicos típicos do mundo grego, como a conceção da alma e do espírito (eternidade). Basei
a-se também na visão mística ascendente e olímpica (corte celeste ou Olimpo) das religiões e divindades
gregas, em termos de revelação de um mundo superior e celeste, e de um processo ascensional (tambè
m semelhante ao da mística egípcia). Torna-se importante a forma de prosélito que o cristianismo assum
e na figura de Jesus, que chama os seus apóstolos de discípulos, à maneira grega, como aconteceu na "
Akademia", com os seguidores das principais correntes filosóficas gregas. Por outro lado, o cristianismo
pendeu para outros elementos de clara influência judaico-semita ou oriental, sendo um aspeto, como já f
oi referido, em que os hebreus asiáticos se podiam ver reflectidos, na questão da procura do referente pe
rdido do seu próprio povo na cultura judaica. Esta influência podia ser vista em aspectos mais míticos, e
m termos de aceitação do Antigo Testamento, ou de conceitos de bem e mal, recompensa ou castigo, etc
. No entanto, ao mesmo tempo que se aceitavam certos elementos da conceção mística judaica, concebi
a-se no seio do cristianismo uma atitude crítica ou claramente opositiva, por exemplo, aceitando o AT e o
pondo-se depois à Torah (lei mosaica), ao Tanakh ou à Mishnah.

Não só é possível, como é bastante certo que o Cristianismo, como pano de fundo ideológico, teria surgi
do, uma vez que os seus pilares e princípios essenciais já existiam, mesmo que o seu Fundador não tive
sse nascido. O cisma ideológico, religioso e cultural, em muitos aspectos, já era um facto antes de Jesus
Cristo, nas várias comunidades hebraicas não edomitas, onde, como já explicámos, existiam diferenças
de pensamento e psicologia entre os dois elementos raciais (hebreus ou eberitas e judeus ou "semitas"),
o que levaria também a duas concepções filosóficas e teológicas opostas, em função das suas diferentes
naturezas. É também certo, por outro lado, que se Jesus não tivesse sido crucificado, e se lhe tivesse si
do permitido um maior trabalho de catequese, através de uma longa vida, o cristianismo ter-se-ia desenv
olvido de uma forma muito mais intensa, acelerando a evolução do seu pensamento, ao ponto de romper
completamente os laços com o "judaísmo". Paulo de Tarso foi, neste sentido, o apóstolo que mais se as
semelha a Jesus, na medida em que desenvolveu um trabalho mais radical de desligamento com o mund
o "judaico", que ele conhecia muito bem, ao contrário de outros, como São Pedro, que defendiam uma ap
roximação ou retorno aos seus princípios.

O cristianismo é, na sua essência, uma tentativa intensa de revitalização do espiritualismo e do misticism
o helénicos, sendo o apostolado uma espécie de Olimpo sob a soberania de Dieu-Piter ou Zeus, com a c
orte olímpica dos Dodekatheon, ou seja, os doze apóstolos. Este símbolo numérico relacionado com um
monte olímpico de doze divindades nasceu na Jónia helénica e, portanto, num contexto muito próximo do
das culturas galaicas e do Próximo Oriente. Na Trácia, região antigamente povoada por povos uskos, ap
arentados com os celtas e os gregos, é que surgiu e se enraizou o conceito moderno de alma imortal e d
e vida transcendental igualitária, de uma forma mais próxima do conceito egípcio de viagem ao além e de
eternidade do Eu, cujo desenvolvimento religioso viria pela mão do pensamento órfico, com a dicotomia
entre a alma não terrena ou física pertencente a um mundo estranho e superior, e o corpo (Khat) como s
eu recetáculo ou habitat temporário. Os trácios, que também influenciaram a cultura e a religião egípcias,
são igualmente uma importante fonte de inspiração para o misticismo cristão primitivo. A crença na ress
urreição de Cristo é um sincretismo ou assimilação do pensamento religioso da cultura trácia, onde o seu
deus Salmoxis, que, tal como Jesus, era um pregador e instrutor da sua religião, formando também os s
eus discípulos, criando o primeiro apostolado de uma vida transcendental, foi também o protagonista do
mito da ressurreição, uma vez que ressuscitou perante os seus discípulos após a sua morte para dar pro
vas da verdade dos seus ensinamentos, no século VIII a.C. A divisão cristã do Ser em espírito (ou alma d
a alma), corpo e alma provém também do pensamento místico grego baseado na metempsicose.

Paulo fala do remanescente de Israel, mencionando a conhecida aliança, cujo significado não é outro sen
ão o do sangue e da raça. A história questiona a atitude do rei Jezabel, no que é uma desaprovação do s
eu casamento com a mulher estrangeira, o que, como para o resto do seu povo, é uma violação da alianç

a de sangue. Paulo faz assim uma semelhança com o presente do seu povo, caindo na situação real em que se descobre como hebreu e não como judeu ou fariseu, considerando neste texto a ideia de que em Paulo nasce claramente o pensamento de que a sua raça é diferente da raça judaica, de que os hebreus não são, portanto, a realidade em que se tornaram, pela transformação dos seus costumes e da sua própria natureza, antes, e sobretudo, durante e depois do seu cativeiro. Ele menciona esse remanescente como escolhido pela graça, cujo significado e símbolo explicámos acima como referindo-se ao sangue, uma vez que ninguém é filho de Deus por devoção, mas pela graça do sangue, ou seja, da sua raça.

Carta de Paulo aos Romanos:

"11 Por isso, pergunto: Deus rejeitou o seu povo? de modo algum! Eu próprio sou israelita, descendente de Abraão, da tribo de Benjamim. 2 Deus não rejeitou o seu povo, que ele conheceu de antemão. Não sabeis o que a Escritura diz de Elias? Ele acusou Israel diante de Deus: 3 "Senhor, eles mataram os teus profetas e derrubaram os teus altares. 4 E o que lhe respondeu a voz divina? "Separei para mim sete mil homens, aqueles que não dobraram os joelhos diante de Baal (ou Belzebu, o deus original dos semitas)".
5 Assim também há neste tempo um remanescente escolhido pela graça. 6 E, se é pela graça, já não é pelas obras; porque, nesse caso, a graça já não seria graça.
7 Que conclusão devemos tirar? Porque Israel não alcançou o que tanto desejava, mas os eleitos alcançaram-no. Os outros foram endurecidos, 8 como está escrito:

"Deus deu-lhes um espírito insensível,
olhos com os que não vêem
e ouvidos com aqueles que não podem ouvir,
até ao dia de hoje".
9 E David diz:

"Que os seus banquetes se tornem para eles uma rede e um laço,
um laço e uma armadilha, uma pedra de tropeço e um castigo.
10 Ceguem-se-lhes os olhos, para que não vejam,
e as suas costas ficarão encurvadas para sempre."
11 Agora eu pergunto: Será que eles tropeçaram para não se levantar? De jeito nenhum! Pelo contrário, é por causa da transgressão deles que a salvação chegou aos gentios, para que Israel tenha ciúmes. 12 Mas se a sua transgressão enriqueceu o mundo, isto é, se o seu fracasso enriqueceu os gentios, quanto maior será a riqueza que a sua plena restauração produzirá!
13 Agora me dirijo a vós, gentios. Como apóstolo para vós, honro o meu ministério, 14 pois quero ver se de algum modo posso despertar o ciúme do meu próprio povo, para salvar alguns deles. 15 Pois, se a rejeição deles resultou na reconciliação entre Deus e o mundo, a restituição deles não será o retorno à vida? 16 Se a parte da massa que é oferecida como primícias é consagrada, toda a massa também é consagrada; se a raiz é santa, os ramos também o são.
17 Ora, é verdade que alguns dos ramos foram quebrados, e que vós, sendo da oliveira brava, fostes enxertados entre os outros ramos. Agora participais da seiva nutritiva da raiz da oliveira. 18 No entanto, não pensem que são melhores do que os ramos originais. E, se te vangloriares disso, lembra-te de que não és tu que alimentas a raiz, mas é a raiz que te alimenta a ti. 19 Talvez digam: "Cortaram alguns ramos para eu ser enxertado". 20 É verdade. Mas eles foram quebrados por causa da sua falta de fé, e vós, pela fé, permaneceis firmes. Portanto, não sejam arrogantes, mas temerosos; 21 pois se Deus não teve cuidado com os ramos originais, também não terá cuidado com vocês.
22 Considerem, pois, a bondade e a severidade de Deus: severidade para com os que caíram e bondade para convosco. Mas, se não permanecerdes na sua bondade, também vós sereis quebrados. 23 E se deixarem de ser incrédulos, serão enxertados, porque Deus tem poder para os enxertar de novo. 24 Afinal, se fostes cortados de uma oliveira brava, à qual pertencíeis por natureza, e, contra a vossa condição natural, fostes enxertados numa oliveira cultivada, quanto mais facilmente os ramos naturais dessa oliveira serão enxertados de novo nela!"

São João também dá provas deste facto, quando deixa os judeus fora do redil de Cristo:
"24 E os judeus cercaram-no e disseram-lhe: Até quando perturbarás as nossas almas? Se tu és o Cristo

, dize-nos abertamente. 25 Respondeu-lhes Jesus: Já vo-lo disse, e não credes; as obras que eu faço e
m nome de meu Pai, essas dão testemunho de mim. 26 Mas vós não credes, porque não sois das minha
s ovelhas, como já vos disse. 27 As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e elas segue
m-me,...,".

Do que resta do que terá sido o pensamento daqueles que fomentaram e enraizaram um cisma no seio d
o judaísmo, podemos extrair uma ideia de separação e de consideração de mundos e culturas diferentes,
não só no aspeto religioso, mas também, por parte de alguns dos seus principais protagonistas, a consid
eração de se saberem como povo e raça distintos, imersos numa relação cada vez mais tensa e violenta.
No Antigo Testamento, o remanescente é mencionado como a semente original, ou seja, a raça ou linha
gem ancestral dos hebreus, descendentes de Abraão, pertencentes ao povo sumério, ou seja, o povo us
ko-asiático. Esta linhagem é aquela a que as escrituras sagradas aludem em muitas ocasiões, e que de
modo algum se pode referir ao povo judeu, uma vez que este último, como já indicámos, não é constituíd
o por um grupo étnico puro, mas, pelo contrário, por uma amálgama de povos afro-asiáticos e, em certa
medida, por uma minoria ou vestígio de elementos usko-mediterrânicos, que só podem ter sido parte del
e, formando o elemento original ao qual, no seu desaparecimento, se foram acrescentando sucessivas c
amadas edomitas, que substituíram o referido tronco fundamental, altura em que se formou o judeu farise
u; Isto é semelhante à composição mista de linhagens em que se transformou a população grega, cujo a
speto atual é muito próximo do das comunidades árabes/edomitas do Mediterrâneo. Por outras palavras,
o "povo judeu" não é original, nem uma etnia antiga, preservada desde Abraão, mas uma formação relati
vamente recente de grupos étnicos com predominância de raças do deserto, pelo que aquilo a que se ref
erem as Sagradas Escrituras, sobre os descendentes de Abraão e pertencentes à linhagem de David, co
mo semente original, não diz respeito a este povo, unido por costumes e crenças religiosas.

A Babilónia, causa da diáspora, do cativeiro e dos males do povo hebreu, que os judeus tanto apregoara
m, a ponto de ser varrida da face da terra pelas pragas que o Deus Jeová, em vingança, lançou sobre ela
, ficou perpetuada no sangue judeu, que por ela foi contaminado ao regressar do cativeiro.

Muitas das histórias bíblicas encontram a sua origem na cultura uskomediterrânica da Suméria, onde Uru
k e Ur foram as suas fontes.

Desde o cativeiro babilónico, muitos Uskos deportados, membros da antiga realeza israelita, muitos dele
s mestiços, conservaram no entanto a memória das suas leis e da aliança de sangue abraâmica. Esdras
era um deles, e aqui reflecte ainda essa memória de manter a pureza do sangue do povo de que descen
diam os seus antepassados, e que reinou durante séculos em Uskaria, Judeia, Egipto, Cítia e Hatti. Num
a tentativa de preservar o pouco sangue uskiano que restava puro e autêntico, o escriba relata o que terá
sido uma lei sagrada baseada no pacto racial ou de sangue. Tal pacto só poderia nascer no seio de um
povo rodeado de sangue estrangeiro, num ambiente racialmente hostil, colocando assim o seu povo num
a situação comprometida ou mesmo extinta. Essa lei racial nunca poderia referir-se ao "povo judeu", na
medida em que ele próprio estava rodeado de elementos racialmente edomitas e, por conseguinte, indisti
ntos, o que evidentemente não punha em perigo a sua própria consistência. Só o verdadeiro povo hebreu
, constituído pelos chamados asiáticos, ou seja, os usko-mediterrânicos, era o grupo étnico em claro prej
uízo, e o único que, a certa altura, desapareceu verdadeiramente em grandes êxodos migratórios e depo
rtações. Encontramos também referências a este pacto no Deuteronómio, que adverte para a aniquilação
da miscigenação e do cativeiro. O profeta relata as circunstâncias do seu tempo e o drama do cativeiro b
abilónico para a sua raça e para o verdadeiro povo hebreu. @PTCE_2